

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA LITORAL NORTE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA: LICENCIATURA**

**JÉFERSON GARZLAFF OLIVEIRA**

**O “ESTRANHAMENTO” DA FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
desafios e oportunidades da profissão**  
Trabalho de Conclusão de Curso

**OSÓRIO  
2023**

**JÉFERSON GARZLAFF OLIVEIRA**

**O “ESTRANHAMENTO” DA FIGURA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:**

**desafios e oportunidades da profissão**

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Gabrielli Gadens Marcon

**OSÓRIO**

**2023**

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

O48e Oliveira, Jéferson Garzlaff

“Estranhamento” da figura masculina na educação infantil: desafios e oportunidades da profissão, O/ Jéferson Garzlaff Oliveira. – Osório: Uergs, 2023.

59 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso Superior de Licenciatura em Pedagogia, Unidade Litoral Norte - Osório, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Gabrielli Gadens Marcon

1. Docência Masculina. 2. Educação Infantil. 3. Gênero. 4. Trabalho de Conclusão de Curso. I. Marcon, Gabrielli Gadens. II. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso Superior de Licenciatura em Pedagogia, Unidade Litoral Norte - Osório, 2023. III. Título.

Bibliotecário Marcelo Bresolin CRB 10/2136

Dedico este trabalho a minha mãe, que sempre estive ao meu lado, me instruindo e dando forças ao longo da minha trajetória acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer primeiramente à Deus, que com força e coragem estou concluindo mais uma etapa da minha vida, o curso de Pedagogia.

Em segundo lugar à Uergs, instituição que proporcionou minha diplomação, através de ensino gratuito e de qualidade.

À minha orientadora Gabrielli Teresa Gadens Marcon, por aceitar me orientar nesta pesquisa, com a qual eu me identifico muito. Gratidão pelo carinho, dedicação, paciência e pelas trocas de conhecimentos durante toda a pesquisa.

Aos professores, agradeço imensamente todo o conhecimento que contribuíram para minha formação acadêmica.

A todos os profissionais que em algum momento me deram conselhos para que eu concluísse o curso.

À minha amada mãe, Gessi Lourdes Garzlaff, por sempre estar do meu lado quando eu mais precisava, me apoiando em todos os momentos;

À minha irmã, por acreditar que eu conseguiria chegar até aqui e me formar.

Aos colegas e amigos que a Universidade me deu, em especial o Carlos Alberto e a Yasmin, que sempre estiveram do meu lado, me ajudando e aconselhando. Obrigado mesmo pela força e parceria; sem vocês eu não conseguiria!

E por último, agradeço ao meu filho, Brayan Oliveira Gularte, por me presentear com o seu nascimento. Essa conquista é nossa, meu filho! Te amo muito.

O gênero não seria um conceito útil apenas na compreensão das interações entre homens e mulheres, mas uma parte importante dos sistemas simbólicos e como tal, implicado na rede de significados e relações de poder de todo o tecido social (PINTO,2010, p. 513).

## RESUMO

Esta monografia teve como principal objetivo investigar quais os principais desafios enfrentados por docentes do sexo masculino na Educação Infantil, bem como as oportunidades advindas deste campo de trabalho ainda pouco explorado. A metodologia utilizada envolveu pesquisa bibliográfica e documental, sendo que a primeira foi realizada em meio eletrônico e deu preferência aos trabalhos publicados nos últimos 20 anos. Os dados levantados pela pesquisa documental também consideraram esse mesmo intervalo de tempo, que corresponde aos anos em que o curso de Pedagogia da Unidade Litoral Norte da Uergs recebeu alunos do sexo masculino. A análise e comparação dos dados permitiu responder à questão norteadora e verificar a validade da hipótese, reconhecendo que realmente existe um “estranhamento” em relação à presença da figura masculina na Educação Infantil, mas que nem todas as vezes isso está ligado a questões de preconceito relacionado ao gênero. As oportunidades que poderão fomentar a entrada de pessoas do sexo masculino na profissão, sem dúvida começam pelo respeito e pela não-discriminação, mas pedem uma tomada de iniciativa do poder público, no sentido de tornar os salários do magistério mais atrativos para todos.

**Palavras-chave:** docência masculina; professor homem; Educação Infantil; estranhamento; gênero.

## ABSTRACT

The main goal of this monograph was to investigate the main challenges faced by male teachers in Early Childhood Education, as well as the opportunities arising from this field of work that is still little explored. The methodology used involved bibliographical and documentary research, the first of which was carried out electronically and gave preference to works published in the last 20 years. The data collected by the documentary research also considered this same time interval, which corresponds to the years in which the Pedagogy course at the "Uergs Litoral Norte" Unit received male students. The analysis and comparison of the data allowed answering the guiding question and verifying the validity of the hypothesis, recognizing that there really is a "strangeness" in relation to the presence of the male figure in Early Childhood Education, but that not all times this is linked to issues of prejudice related to gender. The opportunities that could encourage the entry of men into the profession undoubtedly begin with respect and non-discrimination, but call for an initiative by the public authorities, in the sense of making teaching salaries more attractive for everyone.

**Key-words:** masculine teaching; male teacher; Early Childhood Education; "estrangeness"; gender.



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	01
2 METODOLOGIA .....	04
3 REFERENCIAL TEÓRICO .....	08
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	19
4.1 Resultados da pesquisa bibliográfica acerca do tema geral “docência masculina na Educação Infantil” .....	19
4.2 Resultados da pesquisa documental sobre os discentes do sexo masculino que cursaram ou estão cursando licenciatura em Pedagogia na Unidade da Uergs de Osório. ....	24
4.3 Análise comparativa dos dados obtidos na pesquisa bibliográfica e na pesquisa documental.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	45
REFERÊNCIAS .....	47

## 1 INTRODUÇÃO

O tema “estranhamento” da figura masculina na Educação Infantil: desafios e oportunidades da profissão têm como principal questão norteadora: “Quais os principais desafios enfrentados por docentes do sexo masculino na Educação Infantil e quais as oportunidades oferecidas pela profissão?” Como possível hipótese arguimos que os desafios enfrentados por docentes do sexo masculino na Educação Infantil encontram-se atrelados à concepção da figura da mulher como “profissional inato” para trabalhar neste tipo de segmento. Por outro lado, por ser um campo ainda pouco explorado por profissionais do sexo masculino, este se constitui em uma excelente oportunidade de inserção e crescimento profissional.

A justificativa para a realização dessa pesquisa foi meu interesse em trazer ao diálogo alguns *tabus* relacionados com a presença da figura masculina na Educação Infantil.

Começando pelo uso dos termos “masculino” ou “homem”, explicamos que o uso dessas palavras, se faz necessário, nesse contexto em particular, para se referir à figura do “homem”, tal como ela é vista dentro da sala de aula. Independentemente da orientação sexual da pessoa, da identidade de gênero que ela tem, ou da maneira como expressa essa identidade, o sexo biológico é o que realmente causa estranheza quando o gênero masculino se faz presente em uma Escola de Educação Infantil. Os trabalhos acadêmicos versando sobre o tema, como veremos mais adiante, também fazem uso dos termos “masculino” e “homem” para argumentar sobre essa questão. Sendo assim, todas as vezes que tais termos estiverem presentes no texto, será para fazer menção a uma situação específica, tal como foi relatado.

O interesse pelo tema chamou a minha atenção à medida que foi se tornando parte da minha realidade, uma vez que sou um aluno do sexo masculino, cursando licenciatura em Pedagogia, e tenho passado pelo mesmo processo. Também tenho outros colegas de curso, do sexo masculino, que também relataram situações semelhantes, disso que prefiro denominar “estranhamento” da figura masculina na Educação Infantil. Apesar ter achado um assunto bastante interessante, me deparei com pouca bibliografia sobre o tema, talvez pelo número de professores do sexo masculino na Educação Infantil ainda ser muito baixo, talvez pelas pesquisas nessa área ainda serem muito recentes no Brasil, ou talvez por ser mesmo um *tabu* tocar

nesse assunto. O que posso dizer é que, inicialmente, pensávamos em utilizar apenas artigos de periódicos científicos de alto impacto, mas em virtude da raridade de informação, fomos aos poucos buscando informações em outras bases de dados, e passamos a considerar, também, os trabalhos publicados em anais de congressos, as reportagens em jornais online, dentre outras fontes, todas elas fidedignas e averiguadas quanto à veracidade de suas informações.

Antes de iniciar o levantamento de dados imaginei que conseguiria reunir uma série de informações negativas sobre esse assunto (e isso realmente aconteceu), mas também reparei que nem tudo se resume a uma questão de “preconceito” direcionado ao sexo masculino, mas também ao fato da profissão de professor ser pouco atrativa, em virtude dos baixos salários. Como veremos mais adiante, existem relatos de homens que não seguiram na profissão, após estarem graduados, porque o salário não permitia o sustento da família. Simples assim! Por isso, em vez de “preconceito”, adotaremos o termo “estranhamento” para nos referirmos àquele olhar de surpresa que é direcionado ao professor homem, quando ele está numa sala de aula constituída apenas por crianças.

Este trabalho não discute somente os desafios da profissão (que são inegáveis!), mas procura também verificar se existem oportunidades ocultas por trás de tais desafios, num sentido de fazer uma análise mais profunda da situação, que é complexa, e vai muito além do rótulo único de “preconceito”. Ademais pretendeu-se encontrar aspectos positivos referentes ao assunto, para que fosse possível incentivar a escolha dessa profissão por pessoas do sexo masculino.

Uma vez explicados o uso dos termos e seu contexto, salientamos que esta pesquisa se constituiu, basicamente, de pesquisa bibliográfica, com uma pequena contribuição da pesquisa documental, realizada junto à Unidade da Uergs em Osório. Preliminarmente, buscou-se realizar um amplo levantamento dos alunos do sexo masculino que passaram pelo curso de Pedagogia da Uergs, nas mais diferentes Unidades. Entretanto, as circunstâncias nos permitiram ter acesso somente aos dados de Osório, que serão apresentados nos Resultados.

Este trabalho de Conclusão de Curso se constitui em uma breve Introdução, contendo a contextualização do tema escolhido. Na sequência, será apresentada a Metodologia, explicando detalhadamente como foram obtidos e organizados os dados. Neste estudo em particular, o Referencial Teórico vem após a Metodologia por

se tratar de uma pesquisa bibliográfica, e pelo fato de boa parte das referências ser também resultado da própria pesquisa. O capítulo seguinte apresenta os resultados da pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental, sistematizados através de quadros, tabelas e gráficos. Nesta porção do texto são ainda analisados e discutidos todos os achados da pesquisa. Finalmente, nas Considerações Finais realiza-se um apanhado geral de todos os aspectos do texto e das análises desenvolvidas ao longo dele, encerrando o estudo.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como principal objetivo

- Investigar quais os principais desafios enfrentados por docentes do sexo masculino na Educação Infantil, bem como as oportunidades advindas deste campo de trabalho ainda pouco explorado.

Para que este Objetivo Geral seja plenamente alcançado, cumpre-se a realização dos seguintes objetivos específicos:

- Realizar um extenso levantamento bibliográfico sobre os desafios da docência masculina na Educação Infantil, fornecendo um referencial teórico consistente, inclusive para fomento de trabalhos futuros.

- Conhecer os principais desafios relacionados ao exercício da profissão na Educação Infantil, incluindo situações de preconceito atreladas ao gênero.

- Identificar se há fatores que podem ser convertidos em oportunidades, tendo em vista que a Educação Infantil é um campo pouco explorado por profissionais do sexo masculino.

- Comparar desafios e oportunidades na Educação Infantil, traçando horizontes de possibilidades para os profissionais do sexo masculino.

- Realizar um breve estudo de caso, envolvendo uma Unidade da Uergs que oferece o curso de Licenciatura em Pedagogia, para averiguar se o número de alunos do sexo masculino variou positivamente ao longo dos anos

- Utilizar os dados do estudo de caso para embasar a discussão dos resultados obtidos com a pesquisa bibliográfica, verificando a relação entre teoria e realidade.

## 2 METODOLOGIA

Este projeto se caracteriza como uma pesquisa com abordagem qualitativa.

De modo geral, trata-se de uma pesquisa predominantemente qualitativa, pois a maioria dos dados analisados não são métricos, nem podem ser padronizados, ou reduzidos à operacionalização de variáveis (GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 32). Nesse caso, a análise qualitativa vale-se de diferentes abordagens, ou melhor, preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais que não podem ser expressas numericamente (MINAYO, 2007, apud GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 32).

Entretanto, uma pequena fração desta pesquisa conseguiu levantar uns poucos dados quantificáveis, mas relevantes para a discussão dos resultados. Estes dados são aqueles obtidos através da pesquisa documental e que puderam quantificar o número de acadêmicos que já passaram pelo curso de Pedagogia da Uergs de Osório. Embora não estejamos falando em amostras grandes, os dados puderam ser compilados na forma de tabelas e gráficos, tendo recebido tratamento e análise quantitativos. De acordo com Gerhardt & Silveira (2009, p. 33) “a pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc”. Segundo os autores mencionados, a utilização conjunta dos dois tipos de pesquisa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente (GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 33).

Com base nos objetivos, este tipo de pesquisa também se caracteriza como exploratória, porque busca proporcionar maior familiaridade com um determinado problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses (GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 35). A pesquisa bibliográfica, ou o levantamento bibliográfico, é um dos procedimentos utilizados pela pesquisa exploratória, a qual iremos conceituar de acordo com Fonseca (2002, p.32)

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas

científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

De acordo com Silva et al. (2013), a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas que se encontram publicadas, sendo, portanto, de cunho estritamente teórico, podendo ser realizada independentemente da pesquisa descritiva ou experimental, bastando que se busque conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas já existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema para o qual se procura resposta ou para respaldar as hipóteses que se quer comprovar.

Além da pesquisa bibliográfica, este trabalho contou com pesquisa documental. Segundo Fonseca (2002, p. 32) esse tipo de pesquisa “trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las”. Ela usa fontes constituídas por material já elaborado e recorre a fontes mais dispersas e diversificadas, que ainda não receberam um tratamento analítico como, por exemplo, documentos oficiais, relatórios de empresas/instituições, material cartográfico, tabelas estatísticas, jornais, revistas, cartas, filmes, fotografias, pinturas, vídeos de programas de televisão, dentre outros (FONSECA, 2002, p. 32). No caso deste estudo, o documento acessado foi gentilmente cedido pela Secretaria da Uergs de Osório, e se tratou de um relatório dos discentes do sexo masculino que já cursaram licenciatura em Pedagogia. O relatório foi editado na forma de uma tabela do Microsoft Excel®, contendo o nome completo dos alunos, os quais não serão divulgados a fim de preservar a privacidade dos mesmos. Na mesma tabela consta o ano de ingresso e de conclusão do curso, além do nome daqueles alunos que ingressaram, mas ainda não concluíram, como é o meu caso. O contato com a Secretaria foi realizado por e-mail, por telefone, e também pessoalmente, já que estudo nesta Unidade. O relatório nos foi enviado pela Secretaria em resposta ao primeiro e-mail de solicitação e, desde então, nos debruçamos sobre os números que tínhamos. Foi realizado contato com as outras Unidade da Uergs que possuem curso de licenciatura em Pedagogia, primeiramente por e-mail, depois através de telefonema para a secretaria, mas não tivemos sucesso na obtenção dos dados documentais pretendidos.

Para a pesquisa bibliográfica foram utilizadas fontes obtidas em meio eletrônico, sendo realizadas consultas a artigos e notas científicas, publicados em

periódicos reconhecidos na área e a livros e revistas voltados para esse tipo de especialidade (“Docência Masculina na Educação Infantil”). Também foram consultadas monografias, dissertações e teses, além de anais de eventos científicos e trabalhos técnicos. O acesso à maior parte da bibliografia foi obtido junto a sites fidedignos da Internet, como sites governamentais, sites oficiais de Instituições de Ensino Superior, sites de Institutos, Fundações, Entidades, Organizações, entre outros. Foram amplamente utilizadas bases de dados online como: Google Scholar, SciELO, Periódicos Capes, Science.gov, Web of Science, Educ@, Biblioteca Virtual da UERGS e BDTD (Biblioteca Digital de Teses Digitais), etc.

Foram considerados como critério de inclusão dos trabalhos o intervalo de publicação de 2002 até 2022. Este período de tempo foi selecionado para coincidir com os dados obtidos a partir da pesquisa documental. Também foram relevantes os estudos estarem escritos em língua portuguesa; em virtude da barreira idiomática. Por outro lado, não fizemos distinção se os trabalhos foram desenvolvidos em escola pública ou particular, tendo em vista que esse refinamento limitaria muito a quantidade de dados, que já era escassa.

A consulta em meio eletrônico deu preferência àqueles trabalhos relacionados com o amplo espectro da “docência masculina na Educação Infantil”. Dentre as subáreas examinadas deu-se primazia àquelas correlacionadas: 1) aos relatos de experiência ou estudos de caso envolvendo os “estranhamentos” causados pela presença masculina na Educação Infantil; 2) às pesquisas relatando os desafios profissionais impostos por esse tipo de “estranhamento”; 3) às inferências sobre as possibilidades implícitas neste tipo de situação. Foram considerados os periódicos de maior relevância em cada área, o que foi estimado através da classificação Qualis Capes acima de B4.

Para refinar a busca foram usadas palavras-chave como: “docência masculina”, “figura masculina”, “educadores homens”, “professor homem”, “Educação Infantil”, “Educação Básica”, “Escolas de Educação Infantil”, “crianças”, “preconceito”, “estranhamento”, “constrangimento”, “relato de experiência”, “masculinidade”, “sexo masculino”, “gênero masculino”, “exclusão”, “inclusão”, “discriminação”, “desafios”, “oportunidades”, etc. Essas e outras palavras foram digitadas isoladamente ou de maneira combinada durante a busca, dependendo do nível de refinamento buscado.

Os resultados da pesquisa bibliográfica foram compilados e organizados na forma de textos e quadros e encontram-se nos itens “Referencial Teórico” e “Resultados e Discussão. No referencial estão os dados textuais que fundamentam o presente trabalho. Nos resultados, estão os dados sistematizados através de quadros das principais obras consultadas, organizados inicialmente pelo ano, seguidos do nome completo da obra, do nome dos autores, das palavras-chave e, finalmente, pelo nome do periódico ou publicação (artigo, monografia, resumo, etc.). Estes quadros foram elaborados utilizando recursos do *software* processador de texto, semelhante ao *Microsoft Word*®.

Os dados documentais foram convertidos em uma tabela, que também foi elaborada utilizando recursos de um *software* processador de texto, semelhante ao *Microsoft Word*®. Os valores numéricos também foram aproveitados para a geração de gráficos utilizando um *software* de planilhas eletrônicas semelhante ao *Microsoft Excel*®. Os dados absolutos foram primeiramente convertidos em dados percentuais. Na sequência, esses dados foram digitados em planilhas, onde os gráficos foram gerados. Os gráficos que integram este estudo são de três tipos: gráfico de colunas agrupadas, gráfico de dispersão e gráfico de área empilhada. O gráfico de colunas agrupadas é usado para comparar valores dentro de uma ou mais categorias. O gráfico de dispersão é usado para comparar pelo menos dois conjuntos de valores ou pares de dados. O gráfico de área empilhada é usado para exibir o relacionamento das partes com o todo ao longo do tempo, chamando a atenção para o valor total de alguma tendência. Os resultados dos gráficos são singelos, tendo em vista o quantitativo numérico baixo, mas foram importantes nas análises e na construção da argumentação crítica que acompanha este trabalho.

Além dos quadros, tabelas e gráficos gerados, a análise dos dados baseou-se eminentemente na literatura levantada para a elaboração desta pesquisa. O exame dos resultados teve por subsídio um referencial teórico bem construído e bem fundamentado, além do prévio conhecimento do assunto por parte do pesquisador para que houvesse compreensão do contexto dos dados de forma mais concreta.

A formatação desta monografia seguiu os Manuais de trabalhos acadêmicos e científicos da UERGS (SILVA et al. 2013; HENTGES et al., 2018).



### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Silva & Veloso (2018) a atuação de professores na Educação Infantil sempre foi concebida como um espaço destinado à figura feminina; entretanto, nos últimos dez anos, os cursos de Pedagogia estão tendo uma quantidade significativa de discentes do gênero masculino em todo o Brasil, embora esse número continue sendo muito inferior em relação às mulheres. Contudo, estes docentes homens não podem mais ser desconsiderados nas produções literárias, que se referem sempre às “professoras” da Educação Infantil, sem apontar que os homens também estão lá, presentes na escola infantil, como professores.

Historicamente, no Brasil, foram os homens os primeiros professores, logo no início dos cursos intitulado Normal, criado em 1835 (SILVA & VELOSO, 2018, p.3). Porém, com o passar do tempo, os homens foram se transferindo para outras profissões como, por exemplo, para as fábricas, sobrando assim, o caminho da sala de aula para as mulheres. Na atualidade, assistimos um retorno da figura masculina para a sala de aula, em especial para a Educação Infantil, nestes últimos anos, e isso tem sido uma tarefa complexa, uma vez que as pessoas da sociedade contemporânea nem sempre aceitam este fato como algo comum e natural. É natural que a escola, familiares, as próprias crianças –o menino e a menina aceitem a mulher ao homem (SILVA & VELOSO, 2018).

Segundo o Censo Escolar 2018, das 48,6 milhões de matrículas da Educação Básica, 49,1% são de mulheres, revelando o equilíbrio no acesso. O mesmo levantamento mostra que as mulheres representam 80% dos professores, podemos entender que a mulher é, atualmente, a figura predominante na educação básica brasileira, mas inicialmente, os homens eram os únicos que atuavam como professores.

Segundo o Censo Escolar 2017, há 575 mil docentes na educação infantil brasileira, sendo 554 mil mulheres e 21 mil homens. Quer dizer, para cada professor homem numa creche ou sala de pré-escola, há 26 mulheres, entretanto, inicialmente, os homens eram os únicos que atuavam como professores.

A docência, notadamente na educação infantil, tem sido exercida predominantemente por mulheres, onde a desigualdade de gênero se acentua (MONTEIRO & ALTMANN, 2014; FERREIRA, 2016). Frente às relações de gênero, Faria e Sarat (2017) apontam que são produzidas social e historicamente, o que

contribui para a presença de práticas educativas masculinizantes e feminilizantes, estabelecidas de acordo com as concepções de cada sociedade.

### **3.1 Papéis historicamente construídos**

De acordo com Flores (2000) compreende-se que a presença reduzida de homens na educação infantil é reflexo da construção histórica dos papéis feminino e masculino, sendo associadas aos homens as profissões com maior prestígio e melhor remuneração, que geralmente são vistas como aquelas que exigem atitude e força. Às mulheres tendem a ficarem reservadas as profissões de menor prestígio e remuneração, que tem associado, comumente, feminilidade e maternidade ao cuidado e educação de crianças. Tais aspectos favoreceram o afastamento dos homens na Educação Infantil, pois eles estariam negando a posição de privilégio masculino ao buscar uma profissão fortemente associada ao feminino (FERREIRA, 2016).

Os poucos homens docentes na Educação Infantil tendem a ser associados a um modelo heteronormativo para os meninos e paterno para as crianças, especialmente para aquelas que não têm essa figura presente em seus relacionamentos (MONTEIRO & ALTMANN, 2014). Porém, são vistos com estranhamento e com olhares de suspeita por pais, professoras e gestoras e pessoas da sociedade (CARVALHO, 2015).

No imaginário da maior parte das pessoas, o cuidado na escola de educação infantil se dá em comparação ao cuidado materno, portanto, ligado à mãe, neste sentido, ficando bem representado nessa relação, ou seja, a educação de crianças na escola está configurada à figura da mulher. Contudo, parece complexo e difícil o homem ocupar esse espaço, conforme apresenta Silva (2014):

A escola da educação infantil, seus professores e todos os envolvidos na unidade escolar, na rede de ensino, é espaço para se refletir na desconstrução de que esse espaço é feminino e que a presença de um homem é ameaçadora, incompatível com a realidade: um fracassado trabalhador da indústria ou do comércio que tenta a sorte num trabalho mais “leve” de olhar crianças (SILVA, 2014, p. 49).

De acordo com Silva (2014), a sociedade determinou que a mulher, carinhosa, afetiva neste sentido, tem ela, a capacidade e a habilidade de educar e formar as crianças. É como se fosse como algo pronto e acabado, parece algo intrínseco a elas, como se

fosse algo inato. Por sua vez, em relação ao homem, as pessoas dessa mesma sociedade entendem o homem como uma pessoa que não sabe dispor dessas características femininas com as crianças, pois, a figura masculina, representa uma imagem poderosa com aspectos brutais. Numa sociedade como a contemporânea é preciso afirmar que essa realidade não deixa de ser verdadeira, no entanto, não é que isso que realmente que se espera de um professor da educação infantil.

A partir do momento em que um professor homem assume uma sala de aula, uma turma da educação infantil, esse profissional precisa demonstrar para a instituição de ensino e para os pais das crianças que tem competência, aptidão, habilidade e ainda, que a sua sexualidade não é perigosa para as crianças (RAMOS, 2011). Sobre a sexualidade desses professores, muitas pessoas pensam que se um homem escolhe dar aulas para crianças, ele é homossexual ou até mesmo pedófilo.

Para serem aceitos pela comunidade escolar, os professores do sexo masculino passam pelo crivo e pela vigilância dos adultos, especialmente quando a função no interior da instituição infantil exige a execução das funções relacionadas ao cuidado das crianças (RAMOS, 2011, p.61).

A concepção equivocada que associa “homossexualismo” à alguma patologia ou transtorno do comportamento guarda relação com o fato de que há bem pouco tempo a homossexualidade era realmente tratada como doença e tinha até mesmo um CID próprio. Por CID entenda-se o “código internacional de doença”, elaborado e divulgado pela OMS (Organização Mundial da Saúde), no intuito de “padronizar” os diagnósticos médicos em todos os países. A homossexualidade foi incluída no CID em 1948, como sendo um transtorno mental, e retirada dele em 17 de maio de 1990. Em virtude disso, o dia 17 de maio tornou-se o “dia internacional de enfrentamento à homofobia” e a palavra “homossexualismo” alterou seu sufixo “ismo” (associado a doença) para tornar-se homossexualidade, uma palavra menos preconceituosa e mais inclusiva (CONSELHO ESTADUAL DE SAÚDE, 2020). Se considerarmos que faz apenas 33 anos que isso aconteceu, perceberemos que se trata de um evento relativamente recente e, embora muito progresso tenha sido conquistado desde então, ainda existem pessoas que não reconhecem a homossexualidade como sendo uma variação natural da orientação sexual humana, motivo pelo qual o movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) prossegue com sua luta em todo o mundo.

### 3.2 Vocação inata para o desempenho de uma profissão: isso existe?

O processo de feminiza o da educa o infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental começou a ganhar força com a difusão das escolas normais de nível médio. De acordo com Tambara (1998), as normalistas “detinham preferência no preenchimento de vagas e alguns privilégios nos eventuais concursos, as professoras ‘naturalmente’ passavam a ser vistas como as pessoas adequadas para o exercício docente neste grau de ensino” (TAMBARA, 1998, p. 46). Ser mulher naquele momento, argumenta a autora supracitada, era acreditar em uma figura “pronta” e “apta”   docência. Era deduzir que a mulher possuía uma pré-determinada voca o ao magistério. O imaginário de que as mulheres estariam naturalmente preparadas para atuar com crianças, devido ao fato da maternidade, da mulher enquanto cuidadora, foi sendo forjado tanto no interior das famílias quanto nas escolas:

[...] uma matriz cultural comum informando os ideais de rela o mãe-filho na família e professora-aluno na escola, uma matriz estruturada a partir das prescri oes de cuidado infantil e ideais de maternidade como atributo natural das mulheres, cujas raízes mais profundas podem ser encontradas no pensamento pedagógico do século XVIII e nas ideias de infância, feminilidade e maternidade então gestadas. (CARVALHO, 1999, p. 25).

Esses movimentos de redistribui o de homens e mulheres potencializou a trama da divisão sexual do trabalho, contribuído para as desigualdades e fixando as diferenças – em postos de trabalho e posi oes sociais de domina o e subordina o. O processo de feminiza o do magistério não está apenas fundamentado no aumento quantitativo das mulheres nas escolas, mas na no o de que a profissão docente está sempre associada a atributos femininos e, por isso, perante a sociedade, está sendo cada vez mais desvalorizada. Durante longo tempo, a educa o estava restrita a fun o masculina; o homem estava presente na figura dos alunos e do mestre, “responsável pela conduta de cada um de seus alunos, cuidando para que esse carregue, para além da escola, os comportamentos e as virtudes que ali aprendeu” (LOURO, 2013, p. 96).

Com a necessidade de amplia o do ensino primário em meados do século XX, o Estado se depara com diversas dificuldades, mediante o prejuízo das condi oes de trabalho docente. Segundo Vianna (2013), a presença das mulheres no magistério público primário obteve proeminência nos últimos anos do Império, cuja preferência

pelo sexo feminino nas Escolas Normais era manifesta. Além disso, a Escola Normal era uma das poucas oportunidades, senão a única, para que as mulheres continuassem seus estudos, para além do curso primário. É então a partir do século XX que os homens começam a abandonar as salas nos cursos primários e as Escolas Normais, abrindo espaço, no final da década de 1920, para consolidação da formação feminina no magistério primário. A partir deste período, a presença do homem ficou cada vez mais escassa, sobretudo nos anos iniciais do ensino fundamental e, quando esta aparece, suscita inúmeros estereótipos na comunidade escolar.

### **3.3 Os ideais regulatórios de gênero**

As posições de sujeito marcadas por ideais regulatórios de gênero são construídas através de múltiplas e distintas instâncias na cultura, mas é o mundo do trabalho e a preparação para tal uma dessas searas da agonística social da identidade e diferença por onde o gênero é marcado de forma bastante incisiva. Segundo Goellner (2010, p. 72) “os sujeitos são diferentes não apenas porque pertencem a classes sociais distintas, mas, sobretudo, porque são produzidos também a partir de outros marcadores identitários”, tais como gênero, raça/etnia, sexualidade, religião, capacidade física, dentre outros. Apoiado nesta construção é legítimo perceber o investimento que a sociedade faz para produzir a naturalização dos sujeitos, a partir da divisão sexual do trabalho.

Louro (2013), no livro *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, interroga: qual o gênero da escola? E acrescentamos: qual o gênero da docência? A escola é atravessada pelos mais diversos ideais regulatórios de gênero e não se pode falar da escola sem pensar nas relações socioculturais e suas transformações.

É possível argumentar que, ainda que as agentes do ensino possam ser mulheres, elas se ocupam de um universo marcadamente masculino — não apenas porque as diferentes disciplinas escolares se construíram pela ótica dos homens, mas porque a seleção, a produção e a transmissão dos conhecimentos (os programas, os livros, as estatísticas, os mapas; as questões, as hipóteses e os métodos de investigação “científicos” e válidos; a linguagem e a forma de apresentação dos saberes) são masculinos. (LOURO, 2013, p. 93)

Podemos dizer que não existem respostas concretas às perguntas levantadas pela autora, mas entendemos que os gêneros atravessam o cotidiano escolar, materializando-se nas práticas diárias da escola, porém exige-se nessas práticas cuidado para não negar a existência dos mesmos, pois “é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais do masculino e do feminino” (LOURO, 2013, p. 93). Acrescenta-se a estes dois últimos a multiplicidade de construções humanas.

Na atualidade, as relações de gênero viraram um campo de disputa, seja ela social, individual, política, familiar, religiosa, etc. Dentro do contexto escolar não poderia ser diferente, pois qualquer professor homem que se insere no ambiente escolar, naturalizado um ambiente feminilizado, quase sempre necessita afirmar a sua masculinidade. Com isso, o homem fica exposto a exercer suas diferentes masculinidades, fixadas em um único corpo em diversos espaços sociais. Propomos que o ideal é pensar a docência praticada por pessoas, visando assim, a desconstrução do imaginário acerca da docência praticada por apenas um único gênero.

Pensar a docência masculina nos dias de hoje corresponde não só a confrontar os discursos que são produzidos por meio do social e da cultura, mas também desafiar a própria feminização da educação básica, não somente por múltiplas representações generificadas que a mesma traz, mas também pelas condições de trabalho precarizadas quando se pressupõe o trabalho feminino, como os baixos salários.

Tal como Ferrari e Castro (2015), questionamos o imaginário do homem possuidor do respeito e da autoridade dentro da sala de aula. Fundamentados nos estudos de Foucault, os autores afirmam que o modelo de escola atual realiza investimentos que apostam na “vigilância, no controle e na punição como mecanismos capazes de disciplinar os sujeitos e construir corpos dóceis [...] em que as pessoas, uma vez confinadas, devem obedecer a regras de disciplinas sem questionar” (ibidem p. 59). Portanto, de forma cuidadosa, é necessário criar mecanismos que questionem os processos de controle e disciplina dentro contexto escolar.

### 3.4 A divisão sexual do trabalho

A docência é uma área profissional exercida predominantemente por mulheres no Brasil e em muitos outros países. Essa característica desigual entre os sexos na profissão torna-se ainda mais evidente quando se refere à docência dedicada à pequena infância, pois, quanto menor a idade da criança atendida, menor a participação masculina na docência e menor a remuneração dos profissionais na área. Enquanto na educação superior a presença masculina e os salários pagos são os mais elevados na área da docência, a educação infantil é a etapa com a menor presença de homens e com os menores salários (BRASIL, 2009).

A expressão “divisão sexual do trabalho” vem sendo utilizada em dois sentidos distintos, sendo que o primeiro se refere à distribuição desigual de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões no decorrer do tempo, diferença associada à desigualdade na divisão do trabalho doméstico entre os sexos. No segundo sentido, busca-se revelar a sistematicidade dessas desigualdades no mercado de trabalho, analisando a forma como a sociedade utiliza tais diferenças para hierarquizar as atividades e, conseqüentemente, os sexos, criando um “sistema de gênero”, com enfoque nas relações sociais entre os sexos (HIRATA & KERGOAT, 2007).

De acordo com dados da Unesco referentes ao ano de 2008, na maioria dos países, entre os graduados na área de educação, a porcentagem de mulheres supera 70% (UNESCO, 2010). Buscando a gênese da “divisão sexual do trabalho”, Hirata & Kergoat (2007, p. 599) observam:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (HIRATA & KERGOAT, 2007, p. 599)

A docência dedicada à infância é uma área profissional que ilustra a segmentação decorrente dessa perspectiva de divisão sexual do trabalho, com o trabalho das mulheres associado à esfera reprodutiva e o dos homens, à esfera

produtiva. A educação de crianças pequenas é associada ao âmbito do trabalho doméstico e à esfera reprodutiva, sendo, dessa forma, naturalizada como área de atuação feminina.

Souza (2010), retomando a história da educação infantil, observa que, embora essa primeira etapa da educação básica tenha diversas origens, nas várias propostas o cuidar e o educar aparecem relacionados à maternidade e ao âmbito doméstico. Ela mostra que a construção da profissão de educador infantil esteve atrelada ao gênero feminino desde a sua origem.

Ao relacionar a origem da educação infantil ao sexo feminino, Souza (2010) remete-se à produção de Rosemberg (1999), pesquisadora que justifica essa associação à característica vinculada à “produção humana”. De acordo com a autora,

A educação infantil – tanto na vertente creche quanto na vertente pré-escola – é uma atividade historicamente vinculada à “produção humana” e considerada de gênero feminino, tendo, além disso, sido sempre exercida por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais, que podem estar mais ou menos associados à produção da vida e de riquezas. Isto é, diferentemente de outras formas de ensino, que eram ocupações masculinas e se feminizaram, as atividades do jardim-da-infância e de assistência social voltadas à infância pobre iniciaram-se como vocações femininas no século XIX, tendo ideais diferentes das ocupações masculinas que evoluíam no mesmo período. (ROSEMBERG, 1999, p. 11)

Na perspectiva da ideologia naturalizadora, dois princípios organizadores atuam: o princípio da separação, que considera a existência de trabalhos de homens e trabalhos de mulheres; e o princípio hierárquico, segundo o qual o trabalho exercido por homens tem valor maior que o trabalho exercido por mulheres. As práticas sociais, dessa forma, são reduzidas a papéis sociais sexoados, que limitam o gênero ao sexo biológico (HIRATA; KERGOAT, 2007).

A “desnaturalização” da divisão sexual das profissões foi possível a partir dos estudos feministas, dos estudos de gênero e da consideração do gênero como categoria analítica. Esses estudos ganham importância no Brasil no final da década de 1980, ao problematizar a característica social das diferenças entre os sexos e rejeitar o discurso do determinismo biológico dessas diferenças.

A abordagem do conceito de gênero por Scott (1995) proporciona importantes reflexões. Ela lembra que inicialmente o termo foi utilizado como sinônimo de



“mulheres”, em uma busca por legitimidade dos estudos feministas nos anos 1980. A autora acrescenta que,

Na sua utilização mais recente, o termo “gênero” parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O termo “gênero” enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo gênero para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado. (SCOTT, 1995, p. 72)

### **3.5 É gênero ou é sexo? É menino ou menina?**

De acordo com a literatura, gênero e sexo são palavras com significados distintos: o sexo está relacionado a questões biológicas e o gênero está relacionado a forma como um determinado indivíduo se identifica. A questão de gênero é um assunto que está em pauta na atualidade do país, se lê em jornais, revistas, internet, se veem nos programas televisivos, no entanto, ainda há quem se confunde quando se depara com esse conceito (PRAUN, 2011).

Diante disso, a maneira de agir, de pensar, e as opções que o ser humano escolhe, não estão relacionadas com a formação biológica, não é decorrente do nascimento. Todos nascem iguais, mas acabam seguindo comportamentos e características que a sociedade impõe como sendo do sexo masculino ou feminino. Neste sentido, Praun (2011, p. 56) enfatiza que:

O termo gênero, classificação construída pela sociedade, contribui para exacerbar a distinção entre indivíduos de sexos diferentes. Essa classificação possibilita a construção de significados sociais e culturais que distinguem cada categoria anatômica sexual e que são repassados aos indivíduos desde a infância.

Com isso, reforça a ideia que a sociedade distingue o que é comportamento aceitável para o homem e o que é comportamento aceitável para a mulher. No mercado de trabalho, por exemplo, há áreas de atuação onde a maior concentração de pessoas é do sexo masculino e outras do sexo feminino. Em um primeiro momento, acreditamos que seja por escolhas naturais, aptidões e capacidades que são distintas

entre homens e mulheres. Isso pode estar relacionado à desigualdade de gênero (BARRETO et al., 2009).

Desde que uma criança está no ventre da mãe e os pais descobrem o sexo do bebê, as cores das roupas já são pensadas para o sexo, azuis se for menino e rosa se for menina (SILVA, 2015). As diferenças já são incumbidas antes mesmo do nascimento da criança. As atitudes da família perante as crianças, repercutiram no futuro delas, as brincadeiras das meninas são voltadas para a submissão e as brincadeiras dos meninos sobreposição.

De acordo com Silva (2015), as meninas brincam de bonecas (afeto e maternidade), cozinha ou de casinha (submissão). Assim, a inserção da figura masculina na Educação Infantil, mesmo nos dias atuais, ainda passa por muitas dificuldades. Os homens que se aventuram nesta profissão, algumas vezes, acabam sendo rotulados ou discriminados pelos seus familiares, colegas de trabalho ou familiares dos educandos (BARRETO et al., 2009).

Com relação ao olhar da família, muitas vezes, estas não dão ênfase para a formação do educador que irá trabalhar com seus filhos, preocupam-se apenas em ter um lugar para deixá-los. O espaço da Educação Infantil, já foi visto, e em alguns casos ainda é tratada, como um “depósito” e as professoras são meramente tias. Silva e Martins (2016), afirmam que:

tendo vista que, com o passar dos anos, foram formados vários conceitos com relação a questões gênero masculino e feminino, e de que os mesmos podem variar de acordo com a cultura onde estão inseridos, sabemos que, hoje, existe um consenso no que se refere à profissão de educador infantil. No magistério, no qual a educação, principalmente a infantil, exige a necessidade de cuidados mais íntimos, como dar banho, trocar fraldas, além de afeto, tornou-se função praticamente exclusiva da mulher este ofício (SILVA e MARTINS, 2016, p.1).

De acordo com essa visão, é mais fácil para a família aceitar uma professora mulher, pois ela “naturalmente” desempenha a função de cuidar, logo, um homem não seria adequado para cuidar das crianças, principalmente se tratando de meninas, tendo em vista os cuidados, pois diversos episódios tem possibilitado constatar que a discussão sobre homens na docência com crianças pequenas mobiliza opiniões, atitudes e crenças em torno da aceitação ou recusa a ideia de que o trabalho com crianças pequenas na Educação Infantil possa ser desenvolvidos por homens.

Percebemos que os pesquisadores da área de educação estão abordando e discutindo assuntos de gênero e sexualidade nas escolas, mas acreditamos que ainda há muito o que avançarmos para acabarmos com o preconceito de gênero na educação. Em consonância com essa ideia Rabelo (2013) destaca:

Quando se trata do olhar masculino do professor desse segmento, quase não são encontradas referências ao tema; e mais, os preconceitos e discursos que frequentam a sociedade contemporânea são reafirmados no cotidiano escolar (RABELO, 2013, p. 909).

Podemos considerar que, mesmo em minoria no magistério, e tendo em vista que ainda existem barreiras criadas pelo preconceito, o professor homem na Educação Infantil é um agente importante para o desenvolvimento da criança, em todos os seus aspectos – cognitivo, psicológico e social – pois, assim como as crianças podem associar a professora com a figura da mãe, esse profissional pode ser associado à figura do pai, podendo, para além da figura paterna contribuir de maneira positiva na educação dessas crianças, pois é um profissional na área da Educação, com estudos que legitimam a posição de docente em sala de aula.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 Resultados da pesquisa bibliográfica acerca do tema geral “docência masculina na Educação Infantil”**

Os resultados da pesquisa bibliográfica demonstram que, na primeira década dos anos 2000, os trabalhos envolvendo a temática “docência masculina na Educação Infantil” foram raros, mas a partir da segunda década, essa situação se inverteu e as pesquisas nessa área tornaram-se mais frequentes. Há de se registrar que esse aumento comparado entre a primeira e a segunda década dos anos 2000, não serviu para aumentar o número de publicações – sobre esse tema – em nível considerável para que se possa afirmar que o assunto foi esgotado, ou foi explorado de modo significativo. Na verdade, recém começa-se a explorar o assunto com a atenção que lhe é merecida.

A partir da leitura do Quadro 1 é possível depreender que foi do ano de 2018 em diante que as publicações deslançaram. O ano de 2020 foi especialmente prolífico devido ao fato da Revista Zero-a-seis ter promovido uma publicação especial, denominada “Dossiê professores homens na Educação Infantil”. Esta publicação tem uma série de artigos abordando a temática, muitos deles com títulos provocativos e relatos chocantes de situações constrangedoras que realmente aconteceram. Foi a partir dessa publicação que muitas outras pesquisas começaram a vir a público nos anos de 2021 e 2022, quase sempre acompanhadas de títulos criativos que remetiam a situações originais. Em contrapartida Santos et al. (2022) faz uma crítica analítica das obras constantes na edição especial da Revista Zero-a-seis, que vale a pena ser considerada.

Se ponderarmos que o “boom” de publicações envolvendo o tema “docência masculina na Educação Infantil” decola somente a partir de 2020, concluiremos que ainda há muito o que se fazer e dizer acerca desse assunto.

A seguir mostramos o Quadro 1, com as obras que conseguimos levantar ao longo dos meses em que esta monografia estava sendo elaborada. Os trabalhos publicados estão organizados em ordem crescente, começando pelo ano de 2002 e terminando no ano de 2022.

Quadro 1 – Relação de publicações contendo o tema “Docência Masculina e Educação Infantil” nos últimos 20 anos (2002 à 2022)

ANO	TÍTULO DA OBRA	NOME DOS AUTORES	PALAVRAS-CHAVE	NOME DO PERIÓDICO OU TIPO DE PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA
2002	<i>O sexo e o gênero da docência</i>	Cláudia Pereira Viana	Sexo; Gênero; magistério; identidade docente.	Periódico Cadernos Pagu
2003	<i>Magistério Masculino: (Re)Despertar Tardio da Docência</i>	Marcelo Henrique G. de Miranda.	Magistério masculino; (re)despertar tardio da docência.	Dissertação de mestrado em Sociologia; Universidade Federal de Pernambuco
2006	<i>Gênero, masculinidade e magistério: horizontes de pesquisa</i>	José Luiz Ferreira; Maria Eulina Pessoa de Carvalho	Gênero. masculinidade. docência. educação infantil. ensino fundamental.	Periódico Olhar de Professor
2009	<i>Os professores do sexo masculino no ensino “primário”: um “corpo estranho” no cotidiano das escolas públicas do Rio de Janeiro (Brasil) e de Aveiro (Portugal)</i>	Amanda Oliveira Rabelo	Gênero; Escolha Profissional; Formação de Professores.	Periódico Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos
2010	<i>“Eu gosto de ser professor e gosto de crianças” - A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária</i>	Amanda Oliveira Rabelo	Professores do sexo masculino; gênero; escolha profissional.	Periódico Revista Lusófona de Educação
2011	<i>Gênero e trabalho pedagógico: o prisma do pedagogo homem nos anos de início da escolarização</i>	Fernando Santos Souza	Gênero, pedagogo, trabalho pedagógico, séries de início de escolarização, feminização do magistério.	Monografia (TCC); Curso de Pedagogia; Universidade de Brasília
2011	<i>Sexualidade, gênero e suas relações de poder</i>	Andrea Gonçalves Praun	Gênero; sexo; relações interpessoais; psicologia.	Periódico Revista Húmus
2012	<i>O dispositivo da sexualidade enquanto enunciador do professor-homem no magistério das séries iniciais e na</i>	Fabio Jose Paz da Rosa	Sexualidade; professor-homem; magistério das séries iniciais; educação Infantil;	Dissertação de mestrado em Educação; Universidade Estadual do Rio de Janeiro

	<b>educação infantil</b>		sexualidade e gênero; professores; aspectos sociais	
2013	<b><i>Debates sobre gênero na docência: o professor do sexo masculino nas séries iniciais do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal</i></b>	Amanda Oliveira Rabelo	Professor do sexo masculino; gênero; escolha profissional.	Periódico Educar em Revista
2014	<b><i>Homens na Educação Infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação</i></b>	Mariana Kubilius Monteiro; Helena Altmann	Docência; Educação Infantil; gênero; masculinidade.	Periódico Cadernos de Pesquisa – Outros temas
2014	<b><i>Feminização do magistério: uma questão de relações de gênero</i></b>	Wagner Gonçalves da Silva	Feminização; educação; gênero; docência.	Monografia (TCC); Curso de Pedagogia; Universidade Federal da Paraíba
2015	<b><i>Voz masculina nas creches e pré-escolas: o lugar do homem na Educação Infantil, na perspectiva dos graduandos do curso de Pedagogia Presencial da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN</i></b>	Antônio Carlos dos Santos	Educação Infantil; homens; gênero.	Monografia (TCC); Curso de Pedagogia; Universidade Federal do Rio Grande do Norte
2015	<b><i>A docência masculina: estado da arte e a realidade do DF.</i></b>	Suzana Medeiros Diniz Araújo	Trabalho docente; gênero; professor da Educação Infantil; séries iniciais do ensino fundamental	Monografia (TCC); Curso de Pedagogia; Universidade de Brasília
2016	<b><i>Histórias de vida de professores homens na Educação Infantil</i></b>	Alexandra Coelho Pena	Professores; Educação Infantil; histórias de vida	Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica
2017	<b><i>Masculinidades e docência na educação infantil</i></b>	Angelita Alice Jaeger; Karine Jacques	Gênero; Masculinidades; Docência; Educação Infantil	Periódico Estudos Feministas
2018	<b><i>Docência na Educação Infantil: um lugar gênero? Estudo de caso sobre docência masculina</i></b>	Daniele Moreira Silveira	Gênero; professor homem; docência masculina; Educação Infantil.	Monografia (TCC); Curso de Pedagogia; Universidade Federal do RS

2018	<b><i>Docência masculina na educação Infantil</i></b>	Ricardo da Cunha Oliveira	Educação Infantil, Professor, Gênero.	Pesquisas e revisão de literaturas
2018	<b><i>"Afiml, pode homem na Educação infantil?" Histórias e narrativas de professores homens da primeira infância</i></b>	Renata Domingues Maciel	Educação Infantil; narrativas; homens; gênero.	Monografia (TCC). Especialização em Educação Infantil; PUC/RJ
2018	<b><i>Desafios do professor homem na Educação Infantil. Um debate a partir do estágio em pedagogia</i></b>	Claudionor Renato da Silva; Luana Alves Porto Veloso	Professor homem; Educação Infantil; estágio.	Periódico <i>Itinerarius Reflectionis</i> - Revista Eletrônica Graduação/Pós-graduação em Educação
2018.	<b><i>Diversidades e Educação: múltiplos olhares</i></b>	Benedito Gonçalves Eugênio; José Valdir Jesus de Santana; Jussara Tânia Silva moreira; Maria de Fátima de Andrade Ferreira (Orgs.)	Educação; diversidade; escola.	Livro eletrônico
2018	<b><i>Cuidado, homens trabalhando! Problematizações sobre docência, gênero e sexualidade</i></b>	Júlio Cezar Pereira Araújo; Fernando Pocahy; Joanice Conceição	Docência; masculinidades; estereótipos	Trabalho publicado em evento científico; Seminário Corpo, Gênero e sexualidade
2019	<b><i>A presença masculina na educação Infantil: desafios que persistem</i></b>	Ana Carolina de Oliveira Queiroz	Homens. Educação infantil. Masculinidade. Identidade de Gênero.	Periódico Plures Humanidades
2019	<b><i>Onde estão os profissionais do gênero masculino na educação infantil? Reflexões históricas sobre a docência com crianças pequenas</i></b>	Diego Paiva Bahls; Aliandra Cristina Mesomo Lira	Educação Infantil; docência; gênero; história.	Periódico Revista Inter-Ação
2020	<b><i>"A sua vaga é pra zelador, não é?" o lugar do homem na docência da educação infantil. Desafios e tensões</i></b>	Eliana Maria Ferreira; Claudemir Dantes da Silva; Clóvis Rala	Homem; Infantil; Poder	Revista Zero-a-seis. Dossiê professores homens na Educação Infantil
2020	<b><i>Homens na Educação Infantil: propostas educativas açucaradas? Questões de gênero na educação da pequena infância</i></b>	Peterson Rigato da Silva; Mariana Kubilius Monteiro; Ana Lúcia Goulart de Faria; Helena Altmann	Educação infantil; docência masculina, gênero; crianças pequenas.	Revista zero a seis. Dossiê professores homens na Educação Infantil

2020	<b><i>“Vai ser um professor?! ” estranhamentos perante a figura do professor do sexo masculino na Educação Infantil</i></b>	Jéssica Daniele Fávaro; Célia Regina Rossi	Masculinidade; gênero; Educação infantil; sexualidade.	Revista Zero-a-seis. Dossiê professores homens na Educação Infantil
2021	<b><i>Há um homem na educação Infantil! masculinidades e ações pedagógicas de cuidados e educação de crianças</i></b>	João Paulo Baliscei; Heloisa Toshie Irie Saito	Gênero, estudo das masculinidades; infância.	Revista Gênero
2021	<b><i>Eu, homem e educador de crianças pequenas: aprendizagem dialógica na docência na Educação Infantil</i></b>	Alexandre Rodrigo Nishiwaki da Silva	Aprendizagem Dialógica. Educação Infantil. Masculinidades.	Periódico Retratos Da Escola
2021	<b><i>“Você é homem ou mulher?” desestabilizando certezas na figura de um mágico nas problematizações de professores homens na Educação Infantil</i></b>	Breno Alvarenga Almeida; Cláudia Maria Ribeiro	Homens na Educação Infantil, Gênero, Sexualidades, Relações de poder, Resistências	Revista instrumento - Dossiê: Relações de gênero e sexualidades nas escolas
2022	<b><i>Sexismo na prática: os desafios do desenvolvimento profissional da docência masculina na educação infantil</i></b>	Thays Francine Stocco	Pedagogia; sexismo, gênero; professor; homem; Educação Infantil.	Monografia (TCC); Curso de Pedagogia; Universidade Positivo
2022	<b><i>Bendito entre as mulheres: a presença masculina na educação infantil</i></b>	Hugo Marangoni Santos; Selma Borghi Venco	Educação Infantil; Trabalho Docente; Homens Pedagogos; Divisão Sexual do Trabalho	Revista Horizontes
2022	<b><i>Usos e abusos do conceito de gênero nas publicações recentes sobre homens na educação infantil</i></b>	Sandro Vinicius Sales dos Santos; Márcia Buss-Simão; Joaquim Ramos	Professores Homens; conceito de Gênero; Educação Infantil	Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade

Fonte: Autor, 2023



#### 4.2 Resultados da pesquisa documental sobre os discentes do sexo masculino que cursaram ou estão cursando licenciatura em Pedagogia na Unidade da Uergs de Osório.

Os resultados da pesquisa demonstraram que os valores, referentes às entradas e saídas de discentes do curso, variaram muito ao longo do tempo. Como é possível observar na Tabela 1, os resultados vão do ano de 2002 até o presente. No primeiro ano de ingresso houveram muitos discentes do sexo masculino que ingressaram no curso de Pedagogia, possivelmente motivados pela recém chegada da Uergs ao município de Cidreira, local onde a unidade Litoral Norte esteve sediada por cerca de uma década. Todos esses discentes concluem o curso quatro anos depois, em 2006, como é possível observar na tabela. Este será o período (2002 a 2006) com a maior incidência de alunos homens (10 no total) ingressando e se graduando no curso de Pedagogia.

Tabela 1 – Relação dos discentes do sexo masculino que cursaram ou estão cursando licenciatura em Pedagogia na Unidade da Uergs de Osório

ANO DE INGRESSO	QUANTIDADE DE DISCENTES QUE INGRESSARAM	ANO DE CONCLUSÃO	QUANTIDADE DE DISCENTES QUE CONCLUÍRAM	ALUNOS CURSANDO
2002	10	2002	00	00
2003	00	2003	00	00
2004	00	2004	00	00
2005	00	2005	00	00
2006	00	2006	10	00
2007	00	2007	00	00
2008	01	2008	00	00
2009	02	2009	00	00
2010	02	2010	00	00
2011	00	2011	00	00
2012	01	2012	01	00
2013	03	2013	00	00
2014	03	2014	02	00
2015	01	2015	00	00
2016	01	2016	01	00
2017	05	2017	02	02
2018	00	2018	04	00
2019	01	2019	02	01
2020	00	2020	00	00
2021	02	2021	04	02
2022	01	2022	00	01
2023	00	2023	01	00
<b>21 anos</b>	<b>33 alunos</b>	<b>21 anos</b>	<b>27 alunos</b>	<b>06 alunos</b>

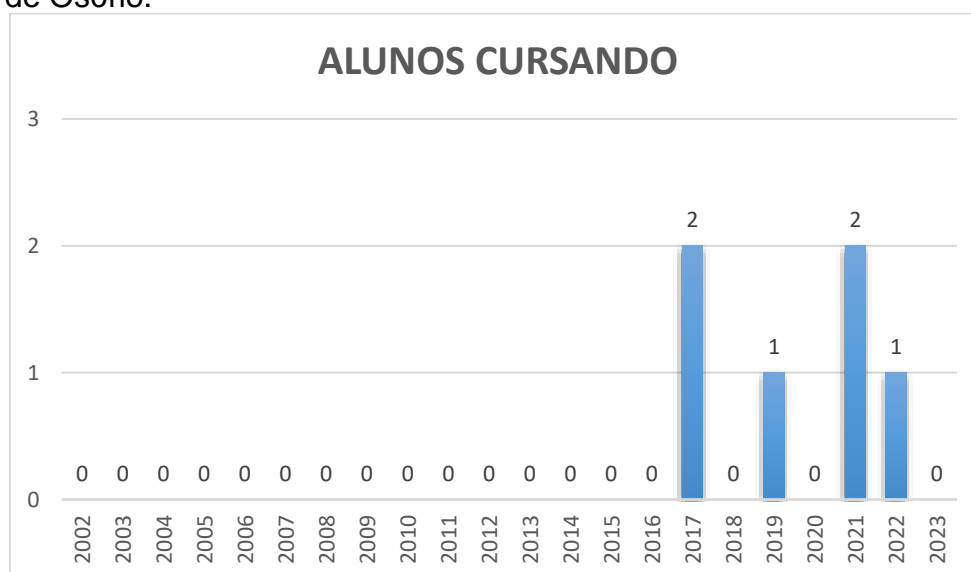
Fonte: Autor (2023)

Após esse primeiro quadriênio (2002 a 2006), o número de alunos que ingressaram ou concluíram o curso de Pedagogia diminuiu sensivelmente. Existem anos em que não houve ingresso (2003 à 2007; 2011; 2018; 2020 e 2023) , nem conclusão de curso (2002 à 2005; 2011; 2013; 2015; 2020 e 2022) por alunos do sexo masculino. Já no ano de 2017, cinco alunos homens ingressaram na Pedagogia, e esse foi o segundo maior número de alunos matriculados desde 2002; entretanto, cinco ainda corresponde à metade de 10; portanto, o ano de 2002 foi realmente atípico em relação aos demais, especialmente se considerarmos que 10 é 25% das vagas de vestibular oferecidas na época (40 vagas). Não foi possível apurar os motivos desse ingresso “em massa” de alunos do sexo masculino na Pedagogia, mas acredita-se que foi pelo fato da Universidade ter se instalado no município de Cidreira pela primeira vez e pela motivação gerada devido a isso. O maior refinamento dessas informações seria possível somente através de entrevista, mas isso foge ao escopo desta monografia.

Na sequência, apresentamos os gráficos de colunas agrupadas referentes ao número de alunos homens que ingressaram, concluíram, ou ainda estão cursando licenciatura em Pedagogia.

Em relação ao primeiro gráfico (Figura 1) observamos que ainda existem seis alunos cursando Pedagogia, sendo que o autor desta monografia é um deles.

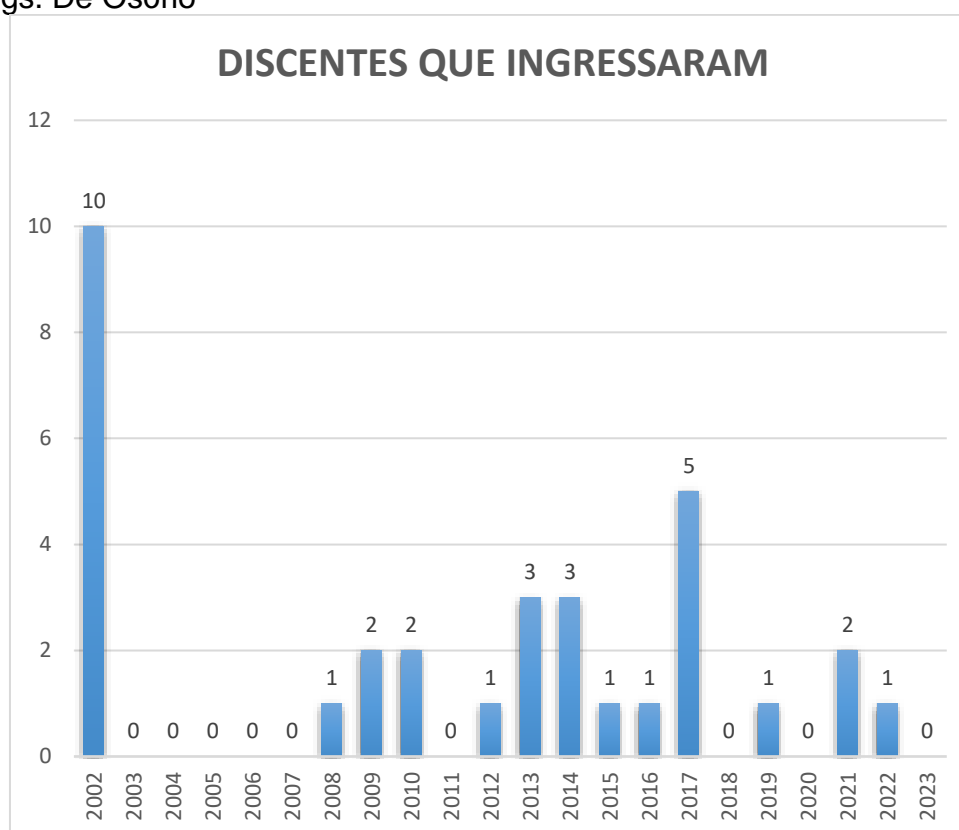
Figura 1 – Gráfico de colunas agrupadas demonstrando – ano a ano – o número de discentes do sexo masculino que ainda estão cursando Pedagogia da Unidade da Uergs de Osório.



Fonte: autor (2023)

Já em relação a todos os alunos que ingressaram, temos o segundo gráfico (Figura 2) demonstrando que, até hoje, 33 discentes já passaram pelo curso de Pedagogia, sendo os anos de 2002 e 2017 particularmente especiais por deterem, respectivamente, 25% e 12,5% do total de vagas oferecidas (40 vagas) por processo seletivo (vestibular). Estes dois anos somam juntos um total de 15 alunos, o que corresponde à quase metade (50%) do total de discentes do sexo masculino (33) que já passaram pela licenciatura em Pedagogia, nos últimos 20 anos.

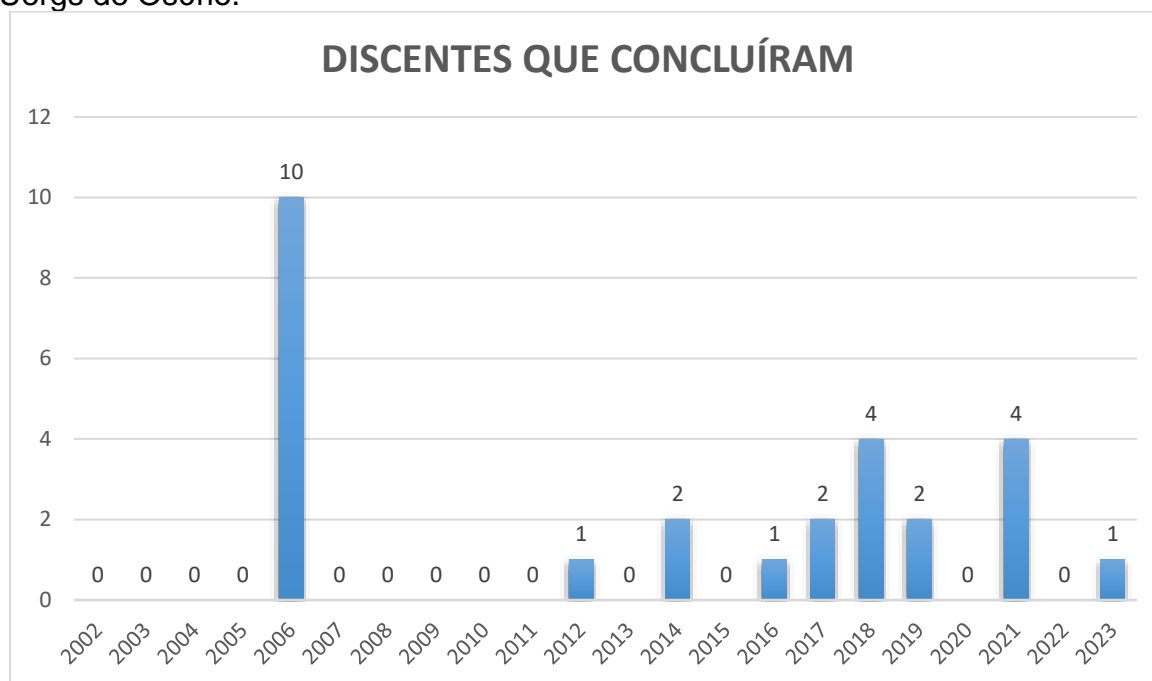
Figura 2 – Gráfico de colunas agrupadas demonstrando – ano a ano – o número de discentes do sexo masculino que ingressaram no curso de Pedagogia da Unidade da Uergs. De Osório



Fonte: autor (2023)

O terceiro gráfico de colunas agrupadas (Figura 3) está demonstrando a quantidade de alunos homens que já concluíram licenciatura em Pedagogia na Unidade Litoral Norte. Pode-se observar que, até o momento, cerca de 27 discentes do sexo masculino conseguiram concluir o curso, restando somente seis alunos ainda cursando, mas com previsão de conclusão para os próximos semestres. O ano com o maior número de concluintes foi 2006, quando os ingressantes de 2002 terminaram o curso.

Figura 3 – Gráfico de colunas agrupadas demonstrando – ano a ano – o número de discentes do sexo masculino que concluíram o curso de Pedagogia da Unidade da Uergs de Osório.



Fonte: autor (2023)

Abaixo estão apresentados os gráficos de área empilhada, que permitem uma visualização mais acurada de como evoluiu o processo de “entrada e saída” de alunos homens do curso de licenciatura em Pedagogia ao longo dos últimos 20 anos.

Na figura 4, o gráfico demonstra como se deu o ingresso de discentes do sexo masculino no curso de Pedagogia, enquanto na figura 5, o gráfico demonstra o contrário, ou seja, como se deu o processo de conclusão nesse mesmo curso. Observando com atenção, é possível depreender que existe uma correlação padrão entre os dois gráficos, ou seja, os picos de ingresso são seguidos pelos picos de conclusão; melhor dizendo, sempre que há um número significativo de ingressantes em um determinado ano, quatro anos ou cinco anos depois, há um número significativo de alunos concluindo o curso. Isso significa baixa desistência! Considerando que ainda existem seis alunos cursando, e nenhuma desistência tenha sido formalizada, inferimos que praticamente 100% dos alunos chegam ao final da licenciatura, mesmo levando um pouco mais de tempo para concluir as disciplinas. Esse é um resultado bastante positivo, pois demonstra que os discentes consideram vantajoso investir seu tempo e esforço na obtenção desse tipo de diploma.

Figura 4 – Gráfico de área empilhada demonstrando a evolução – ao longo do tempo – no número de discentes do sexo masculino que ingressaram no curso de Pedagogia da Unidade da Uergs de Osório.



Fonte: autor (2023)

Observando as figuras 4 e 5 é possível observar os anos em que foram registrados os picos de ingresso e de conclusão no curso de licenciatura em Pedagogia.

Figura 5 – Gráfico de área empilhada demonstrando a evolução – ao longo do tempo – no número de discentes do sexo masculino que concluíram o curso de Pedagogia da Unidade da Uergs de Osório.



Fonte: autor (2023)

Ao observarmos o gráfico de dispersão da Figura 6 podemos visualizar as variáveis de ingresso (em azul) e de conclusão (em laranja) do curso de licenciatura em Pedagogia. Este gráfico oferece uma imagem comparativa das duas variáveis. Percebe-se a nítida correlação entre a ingresso e a conclusão após um intervalo de 4 ou cinco anos, bem como outros fatores que poderiam ser considerados “flutuantes” ou “sazonais”. Um nítido exemplo é o ano de 2020, quando nenhum discente do sexo masculino entrou, nem se formou em Pedagogia. Isso se deu devido à pandemia de Covid-19 e não em virtude de questões de gênero. Do mesmo modo, os anos de 2013 e 2014 foram relativamente prolíficos em captar alunos – de todos os sexos - na Uergs, porque foram os primeiros anos em que a Unidade Litoral Norte começou a funcionar com uma sede própria em Osório (a mesma em que se encontra até hoje). Isso se deveu mais a questões internas, relativas à própria Universidade, do que a questões de gênero. Questões envolvendo estabilidade institucional e infraestrutura são bastante críticas na Uergs e atuam regulando o interesse da clientela.

Figura 6 – Gráfico de dispersão demonstrando a evolução – ao longo do tempo – no número de discentes do sexo masculino que ingressaram e concluíram o curso de Pedagogia da Unidade da Uergs de Osório.



Fonte: autor (2023)

De maneira geral, os gráficos demonstram que houveram períodos de maior ingresso de discentes do sexo masculino no curso de Pedagogia em anos que a Uergs demonstrou maior estabilidade institucional, ou melhoria relativa em sua infraestrutura. Em 2002 a Uergs se estabeleceu no município de Cidreira e isso motivou a população na busca de uma titulação de nível superior (para ambos os sexos). Em 2012, a Uergs muda sua sede para Osório, mas apenas se consolida em um prédio próprio em 2013, ano em que começa a receber mais alunos, de ambos os sexos (informações documentais obtidas junto à secretaria). Os anos em que quase nenhum aluno ingressou são marcados por diversas flutuações na estabilidade da Unidade do Litoral Norte e pouco tem a ver com questões de gênero. Embora se trate de uma amostra estatisticamente pequena, tanto no número de unidades, como no número de alunos, um fator importante a ser observado é a baixa desistência dos alunos homens que ingressaram no curso, seja por sentirem-se incluídos e/ou não-discriminados, seja por concordarem com a qualidade da titulação, ou mesmo por estar realmente havendo uma mudança de postura na relação a esse assunto (Docência Masculina na Educação Infantil). Essa é uma das maiores contribuições desse tipo de pesquisa documental para a monografia em questão. Independentemente do número de alunos homens que ingressaram e concluíram o curso de licenciatura em Pedagogia nos últimos 20 anos, existe a estatística de que – praticamente 100% desses alunos – conduzirão seus estudos até o final (e eu me encontro entre eles.) Dos seis alunos que continuam cursando, existe a expectativa de que todos conseguirão concluir, o que é um dado vantajoso, pois demonstra que os alunos do sexo masculino acreditam no valor desse tipo de diploma e /ou titulação. O que não foi possível analisar, tendo em vista a carência de dados, foi se a discriminação relativa ao gênero influenciou ou não os dados obtidos para o curso de Pedagogia de Osório. Sobre esse assunto, os resultados não puderam fornecer uma resposta satisfatória.

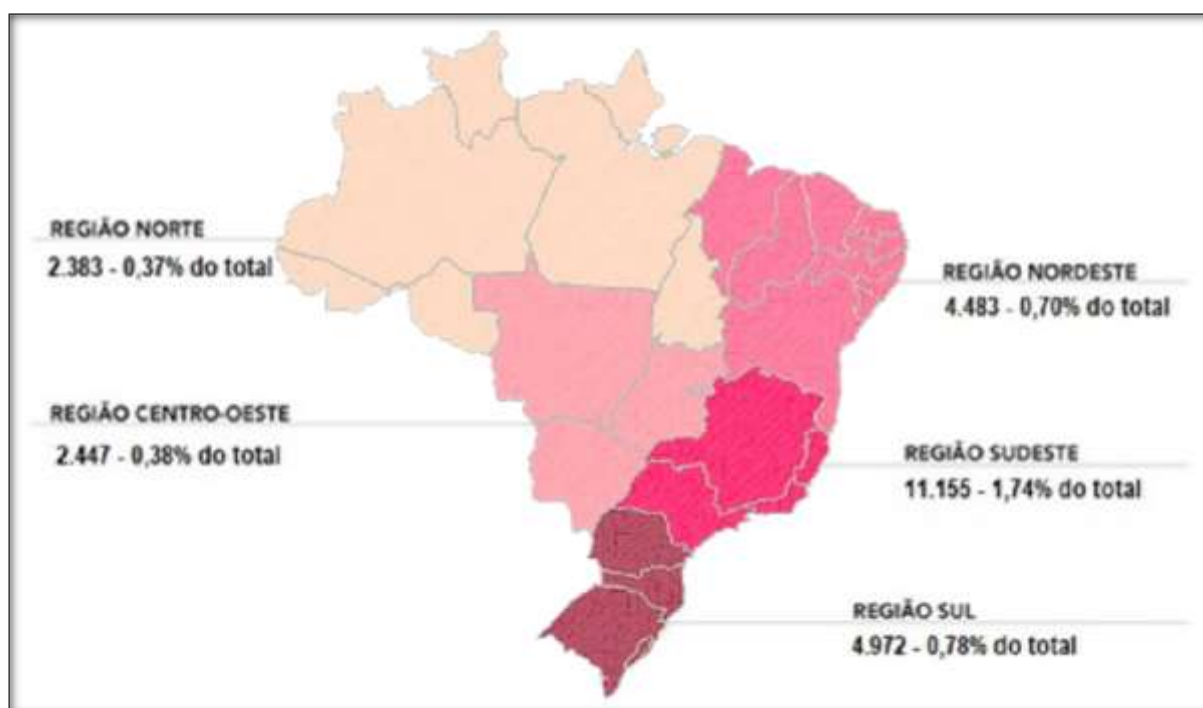
Para maior um exame mais detalhado da situação sugerimos que estudos futuros procurem entrevistar os alunos egressos desse curso, no intuito de averiguar questões de gênero possivelmente envolvidas no ingresso, conclusão e permanência na licenciatura em Pedagogia.

### 4.3 Análise comparativa dos dados obtidos na pesquisa bibliográfica e na pesquisa documental

Ao analisarmos os principais obstáculos que o professor homem enfrenta diante da possibilidade de trabalhar com crianças da Educação Infantil, sem dúvida, o estranhamento relacionado ao sexo é o primeiro que vem à cabeça; entretanto, esse “estranhamento” ocorre naqueles locais em que a presença do docente masculino junto às crianças é ainda inexistente, ou muito pouco frequente. À medida que mais homens se habilitam para a docência na Educação infantil, os estranhamentos tendem a se reduzir ou até mesmo desaparecer, mas isso depende – justamente – de que mais e mais estudantes homens optem pela licenciatura em Pedagogia e exerçam a profissão.

Na Figura 7 observamos uma imagem produzida por Fávoro e Rossi (2020), demonstrando que a região sudeste detém o maior número de professores homens na Educação Infantil, seguida pela região sul. Isso se deve, de acordo com as autoras, ao nível de escolaridade, que é mais alto nestas regiões.

Figura 7 – Mapa do Brasil, exibindo as regiões com maior número de professores homens na Educação Infantil



Fonte: Fávoro e Rossi (2020)



De acordo com Souza (2011) a baixa valorização da profissão de professor das séries iniciais, seja no “modo tangível” (= salário), como no modo intangível (= valorização e respeito), sempre foi um forte motivo para justificar a baixa alocação de homens para esta área. Essa desvalorização da “pessoa que cuida” encontra raízes históricas em nossa sociedade, conforme o excerto abaixo:

Na história da sociedade brasileira que tem a servidão e a escravidão como marcas fortes, o cuidado quase sempre foi delegado – e relegado – àquelas pessoas com menor grau de instrução, ou seja: quem aprendeu a fazer outra coisa ou não teve a opção de escolha (quem é servo ou escravo). O ato de cuidar aparece sempre relacionado a uma tarefa menos, sem prestígio ou reconhecimento. É uma obrigação daqueles que são explorados (NASCIMENTO, 2005, p. 34, apud SOUZA, 2011)

Além dos baixos salários e da desvalorização do Magistério, existe o “bloqueio” relacionado à opinião sobre a inaptidão dos homens para exercer tal profissão. Miranda (2003, p. 14), em seu trabalho lembra que, desde o século 19 existe a defesa das mulheres na profissão de professora da Educação Infantil. Isso está explicitado em uma citação do ano de 1981, no Relatório do governo de Pernambuco, elaborado por Vicente de Moraes Melo:

Sabe-se que a mulher tem mais facilidade, mais jeito de transmitir aos meninos os conhecimentos que lhes devem ser comunicados. Possui maneiras menos rudes e secas, mais affaveis attrahentes que os mestres, aos quaes incontestavelmente vence em paciência doçura e bondade. Mella predominam os instintos maternas e ninguém como ella possui o segredo de captivar a atenção de seus travessos e inquietos ouvintes, sabendo conseguir que as lições, em vez de tarefa abhorrida, torna-se-lhes como uma diversão um brinquedo. Em vez de catadura séria, inflexível do mestre (e por isso mesmo pouco sympathica as crianças) estas encontram na professora a graça e o mimo próprio da mulher...” (MELO, 1981, p. 37, apud MIRANDA, 2003, p. 14)

Para Pena (2016), a partir do momento que se considerou a entrada da mulher no mercado de trabalho, a representação do magistério passou a ser definida pelas imagens de doação e entrega das professoras, consideradas “mães espirituais” (LOURO, 1997). Isso ocorreu à medida que as novas teorias psicológicas e pedagógicas passam a considerar o afeto como fundamental, e o amor se torna parte do “ambiente facilitador” da aprendizagem.

O trabalho fora do lar, para elas, tem de ser construído de forma que o aproxime das atividades femininas em casa e de modo a não perturbar essas atividades. Assim, a mulheres que vão se dedicar ao magistério serão, a princípio, principalmente as solteiras, as órfãs e as viúvas (LOURO, 1997, p. 14 apud PENA, 2016, p. 125)

Monteiro e Altmann (2014) argumentam que nas pesquisas e discursos acerca do caráter profissional da docência na Educação Infantil existe uma tendência de distanciar a professora da figura de mãe e tia (ARCE, 2001 apud MONTEIRO & ALTMANN, 2014); entretanto, os relatos a respeito da importância da presença de homens na docência, ao associar a figura do professor à imagem paterna, caminham em sentido inverso, demonstrando as discontinuidades no discurso acerca dessa área profissional. Considerando que o estudo é de 2014, pode-se dizer que muito é verdadeiro sobre o que está sendo dito. Foi interessante as autoras remeterem à imagem da professora como “tia” (modismo relativamente recente, mas atualmente em desuso), mas os diálogos acerca do professor homem na Educação Infantil estão se avolumando ano a ano.

Dessa forma depreende-se que, a profissão de professor da Educação Infantil é mal valorizada, mal remunerada, e sustenta a crença de que os indivíduos do sexo masculino não têm aptidão para exercê-la. Tudo isso está baseado em estereótipos estabelecidos culturalmente, que podem mudar à medida que as necessidades mudam. Por exemplo, no passado as mulheres não eram incentivadas a trabalhar, mas com a revolução industrial, a carência de mão de obra nas fábricas operou toda uma mudança comportamental, visando incentivar as mulheres a abandonarem a vida doméstica e se tornarem “independentes”, ganharem seu próprio salário, etc (SANTOS, 2015). Mas é de conhecimento de todos que as mulheres acabaram por assumir uma dupla jornada de trabalho, já que as tarefas domésticas não eram compartilhadas, e que a tão sonhada independência veio muito tempo depois.

Da mesma maneira que aconteceu com as mulheres, a necessidade de mão de obra fará com que, cada vez mais homens assumam as salas de aula de Educação Infantil. À medida que o número de creches aumenta, num sentido de suprir demandas institucionais e legais (pelo menos no Brasil), o número de vagas para professor das séries iniciais também aumenta... e nem todas essas vagas são preenchidas por mulheres, havendo a necessidade de “convencer” os homens a retornarem às salas de aulas; sim, as mesmas salas de aula que já eram dominadas pelos homens antes de as mulheres entrarem no mercado de trabalho. (SILVA, 2014). O que sempre acontece é que o capitalismo faz as demandas e depois admite quais regras devem ou não ser “quebradas”, alteradas ou afrouxadas. Por isso, enquanto eu escrevia esse TCC me perguntei diversas vezes se estava sendo um “instrumento”

do capitalismo para convencer colegas meus a assumirem empregos mal remunerados, ou se eu era só mais uma “engrenagem” girando no sentido de manter a “oferta e demanda” favorável para o sistema, ou seja, muita gente querendo a vaga de emprego para que os salários se mantenham baixos.

Também percebi que, toda a vez que o capitalismo possui uma demanda nova, que implica em uma mudança de comportamento, o sistema se “ajusta” para fazer tudo parecer algo totalmente novo; e não é! Os homens já se ocupavam da educação das crianças muito antes das mulheres assumirem o mercado de trabalho. Outra coisa é que o capitalismo faz tudo parecer “revolucionário”, quando na verdade está fazendo a pessoa enveredar por um caminho que significa trabalhar por salários baixíssimos. Durante as várias vezes em que eu e minha orientadora conversamos, nos deparamos com esse tipo de “perversidade” do sistema, que eu nunca antes havia notado. É possível ver nos resultados da pesquisa bibliográfica inúmeras referências sobre a discriminação sofrida pelos homens, mas também é possível vê-los queixando-se, com frequência, da má remuneração recebida. Quanto aos formas de manifestação dos preconceitos, relataremos alguns casos.

De acordo com Sayão (2005 apud CIRQUEIRA et al., 2018, 76), são muitos os preconceitos surgidos de ideias que enxergam a profissão como extremamente feminina, na medida em que mexe com cuidados corporais de meninos e meninas; como consequência, o contato ou a presença de um professor homem com corpos de meninos ou meninas de pouca idade é colocado sob suspeita, gera desconfiança, dúvidas, questionamentos e preconceitos. Da mesma forma, segundo Sayão:

É indubitável a crença disseminada de um homem sexuado, ativo, perverso e que deve ficar distante do corpo das crianças. Em contrapartida, há formas explícitas de conceber as mulheres como assexuadas e puras e, portanto, ideais para este tipo de trabalho. No entanto, além de nossas crenças mais comuns e, muitas vezes pré-concebidas, o que sabemos sobre como atuam professores em creches? (SAYÃO, 2005, p.16, apud CIRQUEIRA et al., 2018, 76).

Realmente, em praticamente todos os trabalhos que eu pude ler, o tipo de preconceito mais “doloroso”, associado ao professor homem na sua lida com crianças é aquele ligado à desconfiança de que algum tipo de abuso sexual pode vir a acontecer. Não somente uma desconfiança velada, mas uma desconfiança “ativa”, no sentido de proibir o “toque” entre as pessoas (nesse caso professor e crianças).

Outra colocação acertada de Cirqueira et al. (2018, p. 77) é o modo como se processam as “visões” que cerceiam o trabalho do professor na Educação Infantil:

Essa visão preconceituosa vigia a todo o momento o trabalho dos poucos profissionais homens que atuam na educação de crianças pequenas. Tal visão se constitui como um tipo de polícia, ou no sentido foucaultiano, na forma de panóptico, que, de muitas formas, não cessa sua vigilância, posto que no imaginário social os instintos carregados pelo sexo masculino produzem homens potencialmente sujeitos à depravação, à prática de pedofilia, etc., que se traduzem em eufemismos que corriqueiramente são utilizados e que se traduzem em expressões do tipo: “o homem não tem jeito para cuidar das crianças.

Como bem colocado por Cirqueira (2018) existe uma “vigilância” em cima do professor homem, que pode ser bastante constrangedora e, muitas vezes, até magoar a pessoa vítima desse tipo de atitude. Em muitos aspectos, essa “proibição de tocar a criança”, pode ser exercida de maneira “velada”, designando o professor para outro setor da Escola (Supervisão, Coordenação, etc.), por exemplo.

Depois do primeiro tipo de situação, vem o segundo modo mais comum de constrangimento; aquele que acontece quando acham que o “professor novato” veio assumir a vaga de zelador. É o chamado “estranhamento”, quando o docente homem é visto como um “corpo estranho” dentro da Escola de Educação Infantil. De acordo com os relatos, esse “estranhamento” tem data de validade, ou seja, a presença constante do professor junto às crianças torna-se “normal” e deixa de provocar reações. É por isso que a presença cada vez maior de professores em escolas de Educação Infantil pode mudar o modo como as pessoas reagem a esse tipo de situação.

De acordo com Fernandjes (2013 apud OLIVEIRA, 2018) no dia a dia dos anos iniciais da Educação básica, a existência de homens professores é fundamentalmente importante para as crianças, pois as mesmas podem contar com a referência masculina em suas vidas o que é de suma importância ao seu pleno desenvolvimento. É salutar que as crianças entendam, constatem e aprendam que não existe apenas a figura feminina para ensiná-las nesta etapa da vida.

Além de ensinar às crianças uma convivência mais pacífica e harmônica com aquilo que é diferente, o aumento do número de professores homens pode melhorar a tolerância das pessoas a tais tipos de situação.

Maciel (2018) relata algumas situações vividas por professores homens nos primeiros anos da educação Infantil, que demonstram os obstáculos de poder trabalhar com as crianças, do mesmo modo que as professoras mulheres o fazem, sendo sensíveis e cordiais, perdendo e tendo compaixão, lendo, brincando e contando histórias, etc. Em um desses relatos, Maciel (2018) conta a história de um professor que era sempre convidado a fazer o “papel de homem”, tirando a criança de cima do escorrega, mandando sair da casinha, ou ordenando parar de bater. Entretanto, o que esse professor mais queria era contar histórias e brincar com as crianças, ou seja, fazer o mesmo que as professoras mulheres faziam, e não assumir o papel de bravo, ou de cara mau, só porque era homem. Segundo o entrevistado, as professoras também acabaram percebendo isso (MACIEL, 2018, p. 25).

Na sequência, Maciel (2018) engata o relato de outro professor que, muito semelhante ao primeiro, fala sobre o “desejo” que os professores têm de atuarem como as professoras e não desempenhando outro papel. Neste relato, o entrevistado fala sobre a ideia de que os alunos mais difíceis e indisciplinados devem ter professores homens, como se a “masculinidade” tivesse relação direta com a obediência dos alunos (MACIEL, 2018, p.25). O depoimento desse educador revela o desejo que um professor tem de trabalhar em acordo com a sua formação de Pedagogo, independente do sexo. Afinal, pedagogos possuem “treinamento” e conhecimento para lidarem com crianças.

Existem casos, no entanto, em que os docentes do sexo masculino recorrem às mais variadas táticas para serem aceitos. Isso implica, muitas vezes, em mudarem o visual, no sentido de torná-lo mais feminino, por exemplo.

Santos e Venco (2022) relatam em seu trabalho, a tentativa de alguns professores, de se “feminilizarem”, adotando algumas práticas estéticas que os deixasse mais próximos da imagem de mulher. Numa das entrevistas, um professor comenta que, para trabalhar com as crianças, ele costumava cortar a barba, no intuito de ficar mais “unissex”, ou seja, com menos “cara de homem” (este último termo é de minha autoria). Porém, segundo o entrevistado, era da barba que as crianças mais gostavam, inclusive de tocar nela (SANTOS E VENCO, 2022).

Hentges (2013, apud MACIEL, 2018, p. 26) defende a ideia de que “é necessário desnaturalizar a ideia de uma masculinidade referente, onde os homens

só podem ser fortes, corajosos, agressivos, e compreender as masculinidades como plurais, onde os homens também podem ser afetuosos, cuidadosos e sensíveis”.

É importante pontuar a ideia de “masculinidades plurais” de Maciel (2018) porque ela admite a existência de todo o tipo de homens e não somente de um único perfil. De nada valeria ir de um extremo a outro, argumentando que algum tipo de evolução social ocorreu.

Compactuando com o que viemos falado até aqui, fazemos referência a Monteiro e Altmann (2014), as quais comentam que a presença masculina na Educação Infantil, num primeiro momento, se apresenta como algo incompatível, como algo estranho e como um problema a ser “sanado”; entretanto, à medida que se estabelece um convívio entre professores homens e crianças, esta experiência proporciona uma ruptura, ainda que de forma singela, com a noção de masculinidade, mesmo naquela comunidade onde tal visão de mundo tenha se mostrado hegemônica até então. Estas autoras encerram brilhantemente o trabalho com uma citação de Simone de Beauvoir que vale a pena ser mencionada aqui:

No mesmo sentido proposto por Simone de Beauvoir (1980), não só a mulher não nasce mulher, mas torna-se mulher, como também o homem, no decorrer de suas relações sociais e culturais, torna-se determinado homem, com características, preferências e formas de expressão próprias, podendo condizer ou não com as noções de masculinidade hegemônicas em sua comunidade (BEAUVOIR, 1980 apud MONTEIRO E ALTMANN, 2014).

De acordo com o excerto acima, tanto o homem quanto a mulher são um produto da cultura; só que hoje em dia, a imagem “cultural” de homem e de mulher trabalha em prol das demandas do capitalismo.

Santos et al. (2022) analisaram a maneira como os estudos recentes sobre professores homens na Educação Infantil trataram o conceito “gênero”, propriamente dito; utilizando como *corpus* de análise os artigos que compõem o dossiê temático “Professores Homens na Educação Infantil: dilemas, tensões, disputas e confluências”, publicado no ano de 2020. Os autores (SANTOS et al., 2022) identificaram o emprego do conceito de gênero a partir de três modos distintos: i) como marcador da diferença entre mulheres e homens, ii) na perspectiva de instrumento de análise das relações entre mulheres e homens, iii) na acepção de conceito relacional. Nessas análises, evidenciam-se vários equívocos no emprego do conceito de gênero,

com destaque para a necessidade de aprimoramento conceitual nos estudos e pesquisas sobre professores homens na Educação Infantil.

Esse dossiê temático, criado em 2020, alavancou as publicações que vieram depois dele e também incentivou inúmeros novos estudos sobre o tema. Particularmente, no meu caso, minha primeira leitura sobre o assunto foi de um artigo desse dossiê da Revista Zero-a-seis. Entretanto, lendo o artigo de Santos et al. (2022) me apercebi de alguns equívocos presentes no texto, embora ainda considere esse dossiê como “marcante” para estudar essa temática.

Embora muitos trabalhos “exagerem” na lista de coisas ruins relacionadas com a docência masculina na Educação Infantil, outros autores conseguem apontar coisas positivas. Maciel (2018, p. 27), fugindo um pouco ao hábito de elencar somente dissabores, comenta:

Não podemos deixar de ressaltar um ponto positivo e não tão presente nas demais pesquisas estudadas, a ideia de trajetórias felizes. Os professores entrevistados afirmavam com segurança o orgulho e alegria pela escolha do magistério e o trabalho com as crianças pequenas, falaram em realização e completude. Olhando minuciosamente tais narrativas surgem como possibilidade de ouvir um discurso outro, de incentivo, de possibilidade para outros homens que pensam e desejam escolher este caminho.

A visão de Maciel (2018) está centrada na visão de realização pessoal advinda do exercício do magistério, ou seja, compactua com conceitos como o “sentido de propósito” que gera “gratificação”. Tal perspectiva alivia um pouco a visão de mundo – também estereotipada – centrada num professor sofrendo bullying constante pelo fato de ser homem.

Em muitos dos trabalhos lidos, a desvalorização do professor (homem ou mulher) aparece como um dos principais motivos pelo qual os alunos se formam, mas não exercem a profissão de Pedagogo. Souza (2011, p. 45) descreve o depoimento de um docente do curso de Pedagogia, no qual este afirma que, a grande maioria dos alunos e alunas (independente do sexo) que fazem graduação em Pedagogia, não tem a intenção ser professor e isso se deve ao mercado de trabalho e à desvalorização da profissão em todo o país.

O docente entrevistado do curso de Pedagogia que aponta esses dados, segundo Souza (2011, p. 45), destaca ainda a necessidade de se ter uma postura proativa na busca pela mudança de concepções reducionistas nos cursos de Pedagogia, havendo também a necessidade de discutir como a profissão de

pedagogo está inserida na sociedade e de se perguntar por que ela é desvalorizada (SOUZA, 2011, 45)

Ao ouvir o relato desse docente, comecei a indagar se, ao longo de meus anos de convívio na Uergs, eu tive algum professor do sexo masculino cuja primeira graduação tenha sido Pedagogia... e não lembrei de ninguém. Será que essa falta de “representatividade” também afeta a autoestima dos alunos e o investimento na carreira?

O alerta feito pelo Professor Igor, acerca dos baixos salário e da desvalorização da profissão, também encontram eco em várias outras obras. Será que a expressão “impressões equivocadas”, usada pelo Prof. Igor, não estaria de referido às questões históricas de desvalorização do magistério?

É notório que existem poucos professores do sexo masculino na Educação Infantil, mas isso seria realmente reflexo de preconceito, ou reflexo de uma profissão mal paga a mal valorizada? A resposta a tal pergunta leva a dois vieses importantes. No primeiro, o homem é protagonista e escolhe não seguir na profissão, em virtude dos baixos salários; na segunda, o homem é sujeito passivo de uma sociedade preconceituosa, segregadora, etc.

Se lermos um pouco mais, encontraremos pesquisas indicando que baixos salários assustam, tanto quanto o preconceito. Essa foi uma constatação observada em vários estudos. De acordo com Souza (2011, p. 47):

Foi constatado que um dos fatores que contribuem para o afastamento de homens dos anos de início da escolarização diz respeito à má remuneração. Eles preferem ocupar profissões que ganham mais, não se arriscando à docência nas séries iniciais da educação Básica e à educação da infância, que é um campo ligado às mulheres e de baixa remuneração

Apesar da clara constatação de que esta é uma profissão mal remunerada, Rabelo (2009, p. 165) defende que a entrada dos homens no magistério primário deve ser feita no sentido de demonstrar o seguinte:

(...) que eles podem ter sucesso exercendo essa profissão, por isso ela não é somente feminina. Isso porque, apesar das discriminações, notamos que esses professores são, na maioria das vezes, bem recebidos e considerados habilitados no seu exercício profissional, o que contraria os estereótipos e acaba por divulgar socialmente que nem a docência nem as qualidades “tradicionalmente femininas” são específicas das mulheres.



Rabelo (2009) defende que quanto mais homens no magistério, mais comum será o modo como tal profissional é visto junto às Escolas de Educação Infantil, ou seja, é a frequência que irá quebrar os tabus, e não o contrário. Rabelo (2009, p.166) vai ainda mais além e defende que:

(...) o simples ingresso de homens no magistério pode ajudar a mudar a definição da masculinidade e incluir as qualidades ditas “femininas” nesta, pois as crianças com que esses professores primários lidam poderiam identificar-se com novos modelos masculinos exercendo essas atividades. Elas teriam outros modelos de homens que não percebem o trato com crianças como uma tarefa somente da mulher e que podem incluir aspectos considerados “femininos” na sua masculinidade, dessa forma, a presença deles nessas ocupações pode mudar as distinções entre homem e mulher, mesmo que de forma sutil, que é uma etapa importante para a realização da igualdade de gênero.

Quem é graduado em Pedagogia, recebe um diploma que atesta a sua competência para lidar com crianças pequenas. Isso nada tem a ver com o sexo, com o gênero, com a orientação sexual, ou seja lá o que for. Quem faz a faculdade, independente do tipo de pessoa que seja (branca, preta, parda), quando se forma tem competência para exercer a profissão. E é isso que deve ser levado em conta. Entrar na seara das masculinidades e feminilidades seria dar motivos para discriminar de novo.

O mundo está sempre mudando. O capitalismo está sempre sedento por novas demandas. Portanto, é normal esperar que mudanças aconteçam. Os “estranhamentos” que atualmente existem irão diminuir gradativamente à medida que mais professores homens ocuparem as creches. Praun (2011, p. 10) dá um bom exemplo de como as coisas mudaram desde poucos anos pra cá. Leiam seus argumentos:

(...) as mulheres ainda sofriam preconceitos e discriminações. Era comum a mulher ver-se diante do dilema, imposto pelo parceiro, da escolha entre a carreira profissional e o casamento. (FRAZÃO E ROCHA, apud PRAUN, 2011, p. 62-63). O mundo está em constante mudança, e as relações entre homens e mulheres acompanham essa mudança. Daí a necessidade de se estudar as relações de gênero sob o enfoque de novas abordagens, fundamentadas em novas ideias, e a partir de novas perspectivas teóricas.

O mundo está sempre mudando, as ideias e atitudes também. Cada vez surgem mais creches e mais Escolas de Educação Infantil. Cada vez aumenta mais a demanda por profissionais em creches e escolas. Também nos anos iniciais do Ensino Fundamental são necessários professores “auxiliares”. Cada vez mais as leis exigem

e criam novas demandas por professores. As vagas nesse mercado de trabalho só tendem a aumentar. Portanto, com o passar dos anos, o professor homem será reconhecido como o “novato” que chegou para assumir a vaga de concurso para professor. Enquanto isso se processa, de modo mais lento que rápido, descreveremos mais alguns casos de “estranhamento” encontrados na literatura.

Jaeger e Jacques (2017) em seu trabalho relatam uma série de constrangimentos sofridos pelos homens quando escolhem o curso de Pedagogia, ou optam por trabalhar em creches. Segundo as autoras, baseadas em relatos dos entrevistados, foi possível perceber que o “estranhamento” começa ainda durante o curso de graduação, quando os acadêmicos começam a se perguntar se aquele colega é gay; ou, utilizando outro enfoque, perguntam se o interesse é pelo grande número de mulheres que há nos cursos de licenciatura. É praticamente impossível fugir dos estereótipos!

Durante os estágios existem relatos – e são muitos relatos – de que os alunos homens são designados para trabalhar somente com as crianças maiores (pré-escolar) e não são permitidos de “tocar” as crianças, no sentido de trocar de roupa, ou levá-las ao banheiro (JAEGER & JACQUES, 2017).

Passado o perrengue da faculdade, surgem os desafios de ser o professor homem de crianças na creche ou na Escola de Educação Infantil. Mesmo após ser aprovado e nomeado em concurso, existe o “roda-roda”, de creche em creche, até encontrar uma que tenha melhor aceitação por professores do sexo masculino; entretanto, antes disso acontecer o profissional pode se ver diante de inúmeras situações constrangedoras, com diretores e pais se negando a aceitar a figura masculina como professor de seus filhos (JAEGER & JACQUES, 2017). Vejam abaixo um fragmento de texto que trata do tema:

A ideia corrente de que só os homens são abusadores em potencial, por possuírem uma sexualidade tida no senso comum como incontrolável, quase “animalesca”. Outro equívoco é associar a pedofilia e o pedófilo aos homossexuais, como se estes representassem um perigo constante aos bons costumes e às práticas sexuais consideradas legítimas. É preciso lembrar também que as estatísticas dificilmente fazem referência às mulheres, na medida em que estas, no exercício da maternidade ou na função de cuidadoras de crianças, parecem estar acima de qualquer suspeita, o que nem sempre é verdade (JAEGER & JACQUES, 2017, p. 558)

Jaeger e Jacques (2017) argumentam que, mesmo depois de muita luta para “entrar” na Escola (por concurso), os professores homens são designados para as

turmas maiores e mais “indisciplinadas”, como se a condição sexual lhes desse algum tipo de aptidão para dar fim na bagunça dos mais arteiros. Também são solicitados a se posicionar diante de crianças mais birrentas, buscando manter a ordem com a sua “masculinidade” (até há pouco colocada em xeque). Em muitos casos, esses professores são impedidos de vestir as meninas e de levá-las ao banheiro, mas podem cuidar do corpo dos meninos. Outras vezes, nenhuma das tarefas relativas ao corpo das crianças lhes é permitida (JAEGER & JACQUES, 2017). Isso geralmente é feito, pela Escola, como uma maneira de “conformar” os pais, que apresentam um olhar mais desconfiado a respeito do profissional homem na creche. Em sua pesquisa Pena (2016, p. 15) traz o relato de um professor que conta como duas crianças da Escola onde trabalhava foram trocadas de turno, a pedido de suas mães, no intuito de serem afastadas dele, o único homem que realizava atividades com crianças no pátio daquela Instituição. Acontecimentos desse tipo revelam uma forma dolorosa de preconceito, que podem trazer sérios traumas aos profissionais.

Entretanto, nem tudo são espinhos nos relatos de Jaeger & Jacques (2017) pois, uma vez passado o período de “estranhamento”, os docentes deixam de ser vistos como “ameaça” e passam a ser aceitos e acolhidos pela Escola e pelos colegas, da mesma forma que passam a ser elogiados e estimados pelas crianças, mães e pais. Vale salientar que esse “estranhamento” mais “severo” acontece quando a Escola nunca teve um professor homem e o recebe pela primeira vez. Já nas escolas que já possuem professores do sexo masculino no seu quadro de funcionários, esse tipo de “estranhamento” não costuma acontecer (ainda estamos falando em Escolas de Educação Infantil, é claro).

Jaeger & Jacques (2017, p. 554) relatam o depoimento de um professor que assumiu numa Escola onde já haviam outros professores homens. Segundo o entrevistado, sua entrada na escola e seu trabalho transcorreram de maneira tranquila e ele ficou bem à vontade, mas já haviam outros dois professores homens desempenhando a mesma tarefa; portanto, todos já estavam habituados com isso.

Embora os relatos de preconceitos e “estranhamentos” sejam predominantes na narrativa de Jaeger e Jacques (2017), essas autoras também irão tocar no assunto da baixa remuneração; ele emergiu com força quando os entrevistados abordaram os aspectos que afastam os homens dessa profissão. Para o entrevistado, identificado como “Professor B”, a função do docente homem na Educação Infantil é:

“extremamente útil na sociedade”, mas como isso não gera um tipo de riqueza mais concreta, acaba desvalorizando a profissão. Nas palavras dele “a profissão de professor não é um trabalho que gera riqueza”. (Professor B, *apud* JAEGER & JACQUES, 2017, p. 555).

É interessante comentar que os professores geralmente desistem porque os salários são muito baixos, e não em virtude de discriminações e estranhamentos! Os motivos para ingressar na Pedagogia, ou começar a trabalhar nas creches, variam bastante, mas a saída da profissão é sempre a mesma: desvalorização monetária da profissão.

Pensando dessa forma, podemos afirmar que, um dos prováveis motivos pelo qual não ingressam mais discentes homens no curso de Pedagogia da Unidade de Osório, seja a baixa remuneração oferecida aos professores da Educação Infantil. Infelizmente, não houve tempo para realizar uma investigação do rank salarial dos docentes de creches e pré-escolas – na região do Litoral Norte. Inferimos que os alunos, ao se depararem com um investimento de tempo e energia de cerca de quatro anos, e compararem esse investimento com o salário que poderá vir a ser recebido, muitos acabam se desmotivando. Não somente os homens, mas também as mulheres. Entretanto; naqueles casos em que o marido provê a maior parte do sustento familiar, o trabalho da mulher na Educação Infantil é visto como complementar da renda do casal. Este tipo de trabalho geralmente ocorre num único turno, deixando a esposa e mãe livre para cuidar da casa e das crianças no turno inverso. É em virtude disso, que existem tantas mulheres nos cursos de licenciatura, principalmente na Pedagogia. E isso porque todo o sistema se estruturou para ser dessa forma. O homem trabalha o dia todo fora e ganha a maior parte do dinheiro que sustenta a casa; a mulher, por sua vez, trabalha somente um turno fora de casa e nos demais desempenha seu papel de dona de casa e mãe. Em virtude dessa menor “dedicação” em horas, o seu salário (no caso da mulher) também é menor... mas isso não parece fora da normalidade para a maioria das pessoas, porque todo o sistema se organiza em volta da família convencional e foi concebido para mantê-lo exatamente como está.

Longe de criticar a escolha de cada pessoa, pois mulheres e homens podem ser o que quiserem, o que mais intriga nisso tudo é que o exercício da profissão de professor da Educação infantil gera uma renda tão baixa que não permite o sustento

de uma família. Em tais casos, o salário é tão ruim que somente vale a pena se for obtido trabalhando meio turno, ou realizado de maneira a receber uma renda complementar, ou seja, fazendo um “bico” naquilo que seriam “horas vagas”.

Ao final dessa análise concluo que o maior problema da docência masculina na Educação Infantil é a falta de valorização do professor (seja ele homem ou mulher). É também o fato de os salários serem baixos e a falta de reconhecimento pelo trabalho de “cuidador”. Tudo isso, somado aos preconceitos que o professor homem enfrenta, incluindo neles os “estranhamentos” que constroem, desconcertam, confundem... tudo, tudo isso me fez compreender porque os homens ainda são tão raros no ensino infantil. Não é por falta de competência, mas de incentivo!

De qualquer forma, a docência masculina na Educação Infantil, para os tempos atuais, se consolida como um novo campo de trabalho; um trabalho que retribui pela gratificação de conviver com os pequenos, e pela oportunidade de mostrar a eles que os homens também sabem cuidar. Ademais é uma área com previsão de expansão de vagas de trabalho nos próximos anos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve como principal objetivo investigar quais os principais desafios enfrentados por docentes do sexo masculino na Educação Infantil, bem como as oportunidades advindas deste campo de trabalho ainda pouco explorado. A metodologia utilizada envolveu pesquisa bibliográfica e documental, sendo que a primeira foi realizada em meio eletrônico e deu preferência aos trabalhos publicados nos últimos 20 anos. Os dados levantados pela pesquisa documental também consideraram esse mesmo intervalo de tempo, que corresponde aos anos em que o curso de Pedagogia da Unidade Litoral Norte da Uergs recebeu alunos do sexo masculino. A análise e comparação dos dados permitiu responder à questão norteadora e verificar a validade da hipótese.

Dentre os inúmeros desafios percebidos durante a leitura dos trabalhos, três em especial tiveram destaque. Em primeiro lugar, o preconceito, vivenciado como uma reação violenta em relação à presença do homem na educação infantil e sua “condição” quase “nata” de “abusador sexual” (em um sentido imaginário). Tais situações são geralmente vividas de modo “ativo e direto”, com o professor homem sendo afastado das atividades que envolvem o cuidado com o corpo das crianças. Em outros casos, o professor – concursado - tem dificuldades de assumir o cargo e de se “assentar” em uma única creche; em virtude disso, fica algum tempo “rodando” até encontrar uma escola mais tolerante e receptiva à sua condição (a de ser homem). Existem também os relatos de pais que mudam as crianças de turma, de turno, e até mesmo de escola para evitar o contato dos filhos com um professor homem. Os relatos existentes na literatura são chocantes, mas são mais raros que os doutros dois que iremos apresentar.

O segundo tipo de desafio é muito mais frequente e se traduz pelo “estranhamento”, atitude de surpresa pela presença de um homem trabalhando como professor na Educação Infantil. Se manifesta principalmente através de palavras que expressam a condição de não-compreensão daquele “corpo estranho” em um local de predominância feminina. Frases do tipo “você veio pra vaga de zelador, não é mesmo?” são situações comuns, mas que geralmente “perdem força” à medida que o professor se insere no meio escolar e começa a demonstrar que possui competência para exercer a profissão. Essas situações são bem mais comuns, do que aquelas

relatadas no parágrafo anterior e tentem a desaparecer à medida que mais e mais professores ingressam na Educação Infantil.

O terceiro grande desafio diz respeito à desvalorização da profissão de professor e dos baixos salários. Geralmente, os salários são tão baixos que não permitem o sustento de uma família, sendo necessário buscar algo mais rentável. Esse seria um dos principais motivos pelo qual poucos homens ingressam anualmente nos cursos de Pedagogia, muito embora esse seja um motivo inferido, já que não houveram entrevistas que corroborassem tal afirmação. Por outro lado, a literatura especializada demonstrou que a remuneração ruim é o principal motivo pelo qual os homens desistem dessa profissão, após já estarem inseridos dentro dela.

Os dois primeiros desafios guardam estreita relação com o pensamento *tabu* de que a mulher é o sexo mais indicado para trabalhar com crianças pequenas, já que os homens não teriam vocação para o cuidado do outro. Isso corrobora nossa hipótese, mas somente em parte. Através da pesquisa, percebemos que as questões financeiras tem grande relevância na tomada de decisão por parte dos homens. Portanto, o preconceito e o estranhamento não são os únicos pesos considerados na hora de “medir” se vale ou não a pena enveredar por essa seara. Os baixos salários têm muita força no momento da escolha. Tal constatação é algo preocupante, pois o último desafio que conseguimos levantar (má remuneração) serve para as mulheres também.

Quanto às oportunidades advindas da profissão vimos muitos relatos de professores homens que se sentem gratificados exercendo essa profissão, apesar dos baixos salários. Também é preciso considerar que o aumento do número de creches também aumentou a demanda por professores, o que se traduz em um campo de trabalho com muitas vagas a serem preenchidas. Por fim, quanto mais homens trabalharem em profissões que exigem o cuidado do outro, mais crianças aprenderão desde cedo a normalizar as situações em que homens desempenham papéis que antes eram considerados somente de mulheres. Dessa maneira é possível afirmar que as oportunidades são também promissoras.

Esta monografia procurou lançar luz ao controverso assunto da docência masculina na Educação Infantil. Nossas indagações e suposições foram respondidas, mas muito mais coisas passaram a fazer parte do conhecimento que irá embasar nosso trabalho diário daqui pra frente.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. C. P.; POCAHY, F.; CONCEIÇÃO, J. CUIDADO, **Homens trabalhando! Problematizações sobre docência, gênero e sexualidade**. Seminário corpo, Gênero e sexualidade, 7, 2018, FURG.

ARAÚJO, Suzana Medeiros Diniz. **A docência masculina: estado da arte e a realidade do DF**. 2015. 68 f., il. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BARRETO, A; ARAÚJO, L; PEREIRA, M. E. (Orgs.) **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico Raciais**. Livro de Conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007**. Brasília: Inep, 2009.

CARVALHO, M. P. **Ensino: uma atividade relacional**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, nº. 11 maio/ago, 1999.

CARVALHO, A. M. O. **Vozes masculinas no cotidiano escolar: desvelando relações de gênero na Educação Infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz**. 2015. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-graduação em Educação Sexual, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132560/000856020.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

CONSELHO ESTADUAL DE SAÚDE (MG). 17 de maio: **Dia Internacional de Enfrentamento à LGBTfobia**, 17 de maio de 2020. Disponível em: <http://ces.saude.mg.gov.br/?p=7850>. ACESSO EM: 20 JUN. 2023.

FARIA, A. H.; SARAT, M. **A atuação masculina na educação escolar de crianças: o estado da arte**. In: Seminário Formação Docente: Intersecção Entre Universidade E Escola, 2., 2017. Anais... Dourados, 2017, Não paginado. Disponível em: <<http://anaisonline.uems.br/index.php/seminarioformacaodocente/article/view/4208/4862>>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FERRARI, A.; CASTRO, R. P. **Diferenças, sexualidades e subjetividades em jogo no contexto escolar**. Revista Teias, v. 16, n. 40, p 56-71, 2015. FERREIRA, M. L. S. **Profissionais Discriminados: Um Estudo Sobre Professores Do Gênero Masculino**. 2016. 33f. TCC (Especialização) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio>>.



ufsc.br/bitstream/handle/123456789/173088/MONOGAFIA%20GDE%20Profissionais%20discriminados.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 nov. 2021.

FERREIRA, J. L.; DE CARVALHO, M. E. P. **Gênero, masculinidade e magistério: horizontes de pesquisa**. Olhar de Professor, [S. l.], v. 9, n. 1, 2009. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1458>. Acesso em: 22 maio. 2023.

FLORES, M. L. R. **Conversando com educadoras e educadores de berçário: relações de gênero e de classe na educação infantil**. 2000. 290f. Dissertação (Mestrado em Educação) –Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PortoAlegre, 2000. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/108420>>. Acesso em: 28 nov. 2021.

GOELLNER, S.; V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e reconhecimento da diversidade**. Cadernos de Formação RBCE, p. 71-83, mar. 2010.

GONÇALVES, E. B.; et al. (orgs). – **Diversidade e educação: múltiplos olhares** – Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

HENTGES, C. S. L.; MAGNUS, D. J. V.; OLIVEIRA, L. A. R.; BRESOLIN, M.; G. SILVA, N. C. A.; SEMENSATTO, S.; FRANTZ, V. L. **Manual para publicação de trabalhos acadêmicos e científicos da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Uergs, 2018, 106p.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

LOURO, G. L. **O gênero da docência**. In: LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MONTEIRO, M. K.; ALTMANN, H. **Homens na Educação Infantil: Olhares de Suspeita e Tentativas de Segregação**. Cadernos de Pesquisa, [S.l.], v. 44 n. 153 p. 720-741, jul./set.2014. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/2767/2801>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

OLIVEIRA, R. C. **Docência Masculina Na Educação Infantil**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 12, Vol. 01, pp. 80-94 Dezembro de 2018.

PORTO R. M.; SOUSA C. H. D. **“Percorrendo caminhos da angústia”**: itinerários abortivos em uma capital nordestina. Rev Estud Fem [Internet]. 2017May;25(Rev. Estud. Fem., 2017 25(2)). Available from:

PRAUN, A. G. **Sexualidade, gênero e suas relações de poder**. Revista Húmus. n.1, jan/abr, 2011.

RABELO, A. O. **Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 39, n. 4, out./dez., 2013. p. 907-925.

RAMOS, J. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – MG.** 2011. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <[http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao\\_RamosJ\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_RamosJ_1.pdf)>. Acesso em: 30 nov. 2021.

ROSEMBERG, F. **Expansão da educação infantil e processos de exclusão.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 107, p. 7-40, jul. 1999.

SANTOS, C. A. **A voz masculina nas creches e pré-escolas: o lugar do homem na educação infantil, na perspectiva dos graduandos do curso de pedagogia presencial da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN / Natal, RN,** 2015.

SCOTT, J. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, Pannóica, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.

SILVA, L. N. S.; SOUZA, C. A.; BRESOLIN, M.; AZEVEDO, G.; SEMENSATTO, S. **Manual de trabalhos acadêmicos e científicos da UERGS:** orientações práticas à comunidade universitária da UERGS. Porto Alegre: Uergs, 2013, 150p.

SILVA, C. R. **Docência masculina na educação infantil:** impressões de um iniciante. Gênero e raça em discussão. Jundiá, SP: Paco Editorial, 2014.

SILVA, B.L.B. **A presença de homens docentes na educação infantil:** lugares (des) ocupados. 107f. 2015. Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SILVA, C. R.; VELOSO, L. P. **Desafios do professor homem na Educação Infantil:** Um debate a partir do estágio em pedagogia. Ictinerarius Reflectionis, v. 14, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/rir/article/view/51232>. Acesso em: 24 jan. 2023.

SILVA, J. R., MARTINS, V. L. **O professor homem na educação infantil:** um olhar acerca do preconceito? Disponível em: Acesso em: 30 nov. 2019.

SILVA, W. G. **Feminização do Magistério: Uma Questão de Relações de Gênero. Joao Pessoa, 2014.**

SILVEIRA, D. M. **Docência na Educação infantil: um lugar gênero?** - estudo de caso sobre docência masculina. Porto Alegre, 2018, 59f. Monografia (Graduação) -

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre, 2018

SOUZA, M. I. **Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais.** 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

SOUZA, F. S. **Gênero e trabalho pedagógico: o prisma do pedagogo homem nos anos de início da escolarização.** 2011. 84 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

TAMBARA, E. **Profissionalização, escola normal, e feminilização: Magistério sul-riograndense de instrução pública no século XIX.** Revista História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, 1998, p. 35-57.

UNESCO. **Compendio Mundial de la Educación 2010: comparación de las estadísticas de educación em el mundo.** Instituto de Estadística de la Unesco, Montreal, Canadá, 2010. Disponível em: <[www.uis.unesco.org/publications/GED2010](http://www.uis.unesco.org/publications/GED2010)>. Acesso em: 06 jan. 2013.

VAZ, D.; JUNG, H. (Orgs.). **Docência, empreendedorismo e inclusão: faces da práxis educativa.** v. 3. Canoas, RS: Ed. Unilasalle, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11690/1903>. Acesso em: 30 jul. 2021.

VIANNA, C. P. **A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente.** In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações.** Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180.